



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
Pró-reitoria de Graduação
Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas
Curso de Arquivologia

ISADORA ROLIM DA SILVA

DE TIJOLO EM TIJOLO: A construção de uma proposta de expografia como ferramenta de difusão da informação do Sebo Cultural a partir do seu acervo fotográfico.

João Pessoa – PB
2014

ISADORA ROLIM DA SILVA

DE TIJOLO EM TIJOLO: A construção de uma proposta de expografia como ferramenta de difusão da informação do Sebo Cultural a partir do seu acervo fotográfico.

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba, como exigência institucional para a conclusão do curso e obtenção do título de bacharela em Arquivologia.

Orientadora: Prof^a. Ms. Maria José Cordeiro de Lima

**João Pessoa – PB
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586d Silva, Isadora Rolim da
De tijolo em tijolo [manuscrito] : a construção de uma proposta de expografia como ferramenta de difusão da informação do sebo cultural a partir de seu acervo fotográfico / Isadora Rolim da Silva. - 2014.
75 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2014.
"Orientação: Profa. Ma. Maria José Cordeiro de Lima, Departamento de Arquivologia".

1. Fotografia. 2. Documento fotográfico. 3. Difusão cultural. 4. Expografia. 5. O Sebo Cultural. I. Título.

21. ed. CDD 026.770

ISADORA ROLIM DA SILVA

DE TIJOLO EM TIJOLO: A construção de uma proposta de expografia como ferramenta de difusão da informação do Sebo Cultural a partir do seu acervo fotográfico.

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba, como exigência institucional para a conclusão do curso e obtenção do título de Bacharela em Arquivologia.

Aprovada em 23 de julho de 2014.



Profª. Ms. Maria José Cordeiro de Lima / UEPB
Orientadora



Profª. Ms. Esmeralda Porfírio de Sales / UEPB
Examinadora



Prof. Me. Eutrópio Bezerra / UEPB
Examinador

Ao meu poderoso e maravilhoso DEUS, pois sem Ele nada se concretiza, sem a Sua presença nada é possível.

Ao meu avô materno, Antônio Aquino Neto (*in memoriam*), pelo imenso amor que me dedicou e por ser a fonte inesgotável desse amor na nossa família.

À minha preciosa mãe, por ser forte por mim e me encorajar a seguir de cabeça erguida, mesmo com tantas dificuldades.

DEDICO!

AGRADECIMENTOS

À minha Estrela da Manhã, meu maravilhoso Deus, que me concedeu a graça de chegar até aqui, que ouviu as minhas orações e me exaltou diante das minhas dificuldades. Agradeço-te Senhor por todo o teu amor, tua fidelidade, pelas promessas que tens cumprindo em minha vida. Agradeço-te de forma imensurável Deus de aliança, Deus de promessas, Deus que não é homem para mentir, tudo passou, tudo mudou, mas a Tua palavra se cumpriu.

À minha mãe rainha, minha Maria, doce e singela, santa, fiel, que me ensina a viver como escolhida e que intercede por mim todos os dias.

Ao meu anjo da guarda a quem Deus confiou minha vida, guarda-me, guia-me quando erro o caminho e me protege dos males do mundo.

À minha pedra preciosa que me enche de força e coragem, minha mãe Joelma Rolim, mulher de garra, de força, cujos predicados me inspiram até hoje, mesmo distante, se faz presente todos os dias em minha vida. Ensinou-me que devo ser forte e correr atrás dos meus sonhos, **dedico a ti tudo o que me caracteriza até hoje!** Obrigada por refletir-se em mim! Sou feliz por ser reflexo teu, por ter a graça de herdar de ti toda minha perseverança e garra, toda minha personalidade, toda a autoridade do que digo e faço. Obrigada pelos castigos, que me fizeram crescer e ser forte; pelos abraços, que curaram as minhas feridas mais profundas, pelos sermões, que serviram de alicerce para a minha educação, obrigada por ter feito tão bem, de forma tão perfeita, para ninguém ser capaz de colocar defeito algum o papel de pai e de mãe. Obrigada pelo amor incondicional que é o elo forte que nos une e sempre manterá essa união.

Ao meu pai terreno, Ivanildo Rodrigues, por teu amor e tua presença em minha vida.

À minha mainha avó, Dona Lourdes, que também me deu forças para seguir e sempre se fez presente na minha vida, além de se alegrar com as minhas conquistas.

Ao meu esposo Rogério Andrade, que também foi uma peça importante para que eu alcançasse essa vitória, por me acolher nos seus braços e enxugar minhas lágrimas nos momentos de desespero e te fazeres presente em minha vida todos os dias. Agradeço por tu me suportares todos esses anos! Sei que sou uma pessoa difícil, ainda mais com todo estresse e pressão. Agradeço por tu ocultares os meus erros, guardares os meus segredos, por permaneceres ao meu lado! Obrigada por me amares de forma tão pura e me encorajares a chegar até aqui.

À minha irmãzinha, a única, a verdadeira, sangue do meu sangue por completo, Iuska Fernanda, que mesmo sendo a mais velha, para mim é como a mais nova, preocupa-me, faz-me chorar, mas, ama-me, entende-me, consola-me, e sempre está ao meu lado.

Ao meu amigo, colega, irmão, Doegnos Ferreira, que sempre me encorajou desde a escolha para o vestibular até o dia de hoje.

À minha amiga e colega de sala Marivânia Dantas (MARI), pelos conselhos, companheirismo, fidelidade, solicitude, por todas as conversas jogadas fora, por todos os risos, segredos, por chegar até aqui junto comigo.

Toda a minha gratidão à querida e uma das melhores professoras, Maria José Cordeiro de Lima (Mara), por ser uma pessoa solícita, amiga, compreensiva, no geral, maravilhosa! Uma profissional altamente competente, além de ser a pessoa que me apoiou quando escolhi o seguimento da pesquisa e me estimulou quanto ao assunto a que se refere esta pesquisa, além de me guiar em todo tempo até a conclusão da mesma, e por me presentear com a oportunidade de ingressar no projeto FOTOGRAFIA E MEMÓRIA CULTURAL: IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO DE COLEÇÕES FOTOGRÁFICAS, no qual eu permaneço há um ano e oito meses, esclarecendo ainda mais as minhas ideias com relação à fotografia e contribuindo, de modo considerável, a esta pesquisa.

Agradeço à Professora Esmeralda, que foi uma peça importante durante a minha jornada acadêmica até esta conquista, com sua alegria, conhecimento, experiências, sinceridade, companheirismo, por ser uma das melhores professoras para mim.

Ao professor Eutrópio, que ampliou os meus conhecimentos sobre fotografia e fez apaixonar-me ainda mais pelo assunto.

Ao professor Washington, que sempre partilhou, de forma sábia, sua paciência e seu grande conhecimento.

Agradeço a todos os professores por suas contribuições durante toda a minha jornada acadêmica.

A todos os colegas que adquiri durante o meu percurso pela Universidade, por todo respeito, experiências trocadas e companheirismo.

Agradeço à Universidade que mesmo com tantas dificuldades e mudanças sempre prezou pelo conhecimento e aprendizagem dos alunos.

Agradeço de todo o meu coração a Heriberto Coelho, que abriu as portas do Sebo para que eu realizasse esta pesquisa e por se fazer sempre solícito para tirar algumas dúvidas que, vez por outra, surgiam, além de contribuir com informações que só seriam possíveis ter conhecimento através dele. Agradeço também por seu conhecimento e idealismo que fez d'O Sebo Cultural um referencial para cultura paraibana.

Mudaram os instrumentos de captura das imagens, mas a visão do homem com relação a esse tipo de linguagem e documento não evoluiu, em direção á existência de políticas de preservação, conservação e difusão das fotografias.

GALDINO

RESUMO

O arquivo é um lugar que além de conter documentos das três idades de gênero textual, também pode manter a guarda de documentos em diferentes tipos de suporte, como no caso desta pesquisa, a fotografia. As fotos do acervo d'O Sebo Cultural atestam a ascensão da cultura paraibana através de suas atividades culturais, como a participação d'O Sebo Cultural em festivais, lançamentos de livros n'O Sebo e/ou com participação d'O Sebo, debates, dentre outras atividades. Fotografias essas que trazem consigo um valor inestimável de conhecimento, cultura e memória tornando, assim, O Sebo Cultural em um tipo de instituição cultural. A partir dessas informações esta pesquisa objetivou-se em caracterizar uma proposta de Difusão Cultural a partir do acervo fotográfico d'O Sebo Cultural a fim de difundir a relevância cultural que possui a instituição, partindo da hipótese de que os acervos fotográficos das instituições culturais são instrumentos para a elaboração de planos de Difusão Cultural. A pesquisa trata-se de um estudo empírico, de abordagem qualitativa, tipologia exploratória e documental. Para este estudo foi tomado por instrumento de difusão a expografia, que vai tornar o acervo d'O Sebo mais conhecido, proporcionando ao mesmo um elo maior com a sociedade além de fazer cumprir-se uma das funções do arquivo: tornar acessível a informação que contém os documentos que O Sebo custodia.

Palavras-chave: Fotografia. Documento fotográfico. Difusão Cultural. Expografia. O Sebo Cultural.

ABSTRACT

The archive is a place that besides containing documents of the three ages of genre, can also keep guard of documents in different types of support, as in the case of this research, photography. The photos of the collection of the Culture Sebo attest to the rise of Paraíba culture through actives, such as participation of the Culture Sebo festivals, book launches out in the Sebo or participation of the Sebo, debates among other actives. These photographs who bring invaluable knowledge, culture and memory thus making The Culture Sebo in a kind of culture institution. Starting these informations this research aimed to characterize in a proposed Culture Diffusion from the photographic collection of The Culture Sebo to disseminate culture relevance that has to the institution, on the assumption that the photographic collections of culture institutions are instruments for the preparation of plans Culture Diffusion. The research in an empirical study, qualitative approach, exploratory and document type. For this study was taken by diffusion expography instrument that will make the collection of the best know Sebo, while providing a greater link with society besides to make enforce it one of the functions of the archive accessible the information it contains the documents the Sebo custody.

Keywords: Photography. Photo Paper. Culture Diffusion. Expography. The culture Sebo.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1:	Fachada de O Sebo Cultural (2014)	20
FIGURA 2:	Caixa preta	25
FIGURA 3:	Proposta de design para a expografia	49
FIGURA 4:	Fachada d'O Sebo Cultural (1993)	51
FIGURA 5:	Fachada d'O Sebo Cultural (2014)	52
FIGURA 6:	Heriberto Coelho idealizador d'O Sebo Cultural	53
FIGURA 7:	Debate "O papel da imprensa na conjuntura atual" - apoio O Sebo Cultural aos 70 Anos do Jornalista Oduvaldo (1991)	54
FIGURA 8:	Chico Lopes debate cultural com os artistas, participação O Sebo Cultural	55
FIGURA 9:	Participação d'O Sebo Cultural no Festival de Artes de Areia (1998)	56
FIGURA 10:	Lançamento do livro Che-Parra (1992)	57
FIGURA 11:	Lançamento do livro Asas (2014)	58
FIGURA 12:	Sessão na câmara para a Lei Viva Cultura com o apoio d'O Sebo Cultural. (1993)	59
FIGURA 13:	Apoio d'O Sebo Cultural para Lei Viva Cultura. (1993)	59

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	14
2.1	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	14
2.2	PROBLEMATIZAÇÃO.....	15
2.3	OBJETIVOS.....	17
2.3.1	Geral.....	17
2.3.2	Específicos.....	17
2.4	UNIVERSO E AMOSTRAGEM.....	17
2.5	CAMPO EMPÍRICO.....	19
2.6	INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	21
3	FOTOGRAFIA: DA CAIXA PRETA AO ARQUIVO	22
3.1	A Imagem.....	22
3.2	Produzindo a imagem técnica: o aparelho fotográfico	24
3.3	A imagem FOTOGRAFICA	26
3.4	A fotografia como documento especial	28
3.5	Fotografia nos arquivos	30
4	PROMOVENDO O CONHECIMENTO ATRAVÉS DA DIFUSÃO CULTURAL: EXPOGRAFIA	32
4.1	Difusão no arquivo	32
4.2	A expografia como forma de Difusão Cultural. Por que expografia?	35
4.3	Contextualizando “expografia”	36
4.4	Refletindo... Como se dá a expografia?	37

5.	DE TIJOLO EM TIJOLO: A CONSTRUÇÃO DE UMA INSTITUIÇÃO CULTURAL NA PARAÍBA	40
5.1	Eis que surge uma idéia ligada à paixão pelos livros: conhecendo o idealizador d'O Sebo Cultural	40
5.2	Uma mudança do bem: a instalação d'O Sebo Cultural a Rua Treze de Maio	41
5.3	Fincando Raízes: o novo e atual prédio d'O Sebo Cultural, um NOVO SEBO	42
6.	EXPOGRAFIA: UMA POSSÍVEL VERTENTE DE DIFUSÃO PARA O SEBO CULTURAL	45
6.1	O motivo de caracterizar uma proposta de Difusão Cultural para O Sebo Cultural	45
6.2	Caracterizando a proposta expográfica para O Sebo Cultural	46
6.3	Expondo: As fotografias selecionadas para a proposta da expografia como possível vertente de Difusão para O Sebo Cultural	50
7.	Considerações Finais	60
	REFERÊNCIAS.....	62

APÊNDICES

1. INTRODUÇÃO

A fotografia possui uma longa trajetória, que lhe rendeu várias aprimorações durante o decorrer dos séculos. Na Grécia, o filósofo Aristóteles (384-322 a.C.) pôde constatar, durante um eclipse parcial, que raios de luz solar, atravessando um pequeno orifício, projetavam na parede de um quarto escuro a imagem do exterior. Este método de reproduzir imagens, considerado primitivo, passa a receber o nome de câmara escura que, segundo o site Foto Real¹, fora utilizado pela primeira vez pelos árabes, durante o século XI.

O termo fotografia possui significado etimológico das palavras gregas: foto (luz) e grafein (desenhar), e surge a partir século XVII quando as câmaras escuras deixam de ser grandes e passaram a ser móveis, desmontáveis e semiportáteis para que pudessem desenhar com luz, o que era a verdadeira utilidade destes objetos.

As diversas aprimorações pelas quais a fotografia passou, foram frutos de grandes nomes que se aprofundaram no assunto, abrangendo áreas como: Física, Química, Matemática, dentre outras áreas específicas, por exemplo:

Abu-Ali al Hasan (956-1034), astrônomo e óptico árabe [...]; Leonardo da Vinci (1452-1519), italiano, deixa a descrição mais completa do período pré-industrial do processo de aparecimento de uma imagem invertida em uma “câmara escura”; Reiner Gemma Frisius, físico e matemático holandês, faz a primeira ilustração do processo da câmara escura [...]; Friedrich Risner descreve uma câmera portátil, mas a publicação só é feita após sua morte na obra Optics de 1606; Johann Kepler [...]; Joseph Niépce, no início do século XIX, trabalha com litografia [...]; Louis Jacques Daguerre descobriu que uma imagem quase invisível, latente, podia revelar-se com o vapor de mercúrio, reduzindo-se assim de horas para minutos o tempo de exposição; dentre outros. (<<http://www.fotoreal.com.br/fotografia/historia-da-fotografia>>),

1 - (<http://www.fotoreal.com.br/fotografia/historia-da-fotografia>),

A sua história está ligada diretamente ao estudo da luz e dos fenômenos óticos, e com o passar do tempo esses estudos fazem surgir os primeiros flashes, mais precisamente durante o ano de 1888. Já em 1888, surge a primeira câmera Kodak, fabricada por Eastman. “A câmera Kodak havia criado um mercado completamente novo [...]. Qualquer um podia ‘apertar o botão’ e a companhia do Sr. Eastman ‘fazia o resto’.” (site foto real, <http://www.fotoreal.com.br/fotografia/historia-da-fotografia>). Até os dias atuais, surgem evoluções da fotografia e dos equipamentos ligados a esta, que facilitam o trabalho do fotógrafo e satisfaz o fotografado.

A fotografia é uma das melhores formas de gravar um momento, seja histórico ou pessoal. Ela é capaz de contar uma história, de transmitir um sentimento, um povo, uma cultura. De acordo com a seleção de fontes feita para esta pesquisa, podemos inferir que a melhor forma de sensibilizar as pessoas quanto ao valor da fotografia como documento e como fator sócio cultural é através da Difusão Cultural. Nesse sentido, a Difusão Cultural ainda é algo recente no que se diz respeito aos arquivos, mas é a melhor forma de incentivar interesse nos usuários, tanto para visita ao arquivo quanto ao uso da documentação nele existente.

O sentido do termo difusão cultural é tratado por partes: a) a primeira, através do termo “difusão”, o qual o dicionário define como o ato ou efeito de difundir, de propagar e divulgar; b) a segunda parte refere-se ao vocábulo “cultural”, o qual faz relação com o termo “cultura”, o qual possui definição relativa, tendo em vista que muitas áreas do saber recorrem ao termo da maneira que lhe seja cabível.

Segundo Santos (1983, p.37-38) “[...] cultura é uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social [...], é um produto coletivo da vida humana [...], produto da história de cada sociedade”. De uma forma mais geral, pode-se definir cultura como o conjunto de conhecimentos adquiridos em determinado campo. Ou, como sugere Von Simson (2007, p.64):

Cultura é memória, pois é a cultura de uma sociedade que fornece os filtros através dos quais os indivíduos que nela vivem possam exercer seu poder de seleção, realizando as escolhas que determinam aquilo que será descartado e aquilo que precisa ser guardado ou retido pela memória porque, sendo operacional, poderá servir como experiência válida ou informação importante para decisões futuras.

Dessa forma, voltando-se para o contexto de arquivo, pode-se definir Difusão Cultural como a realização de atividades que divulgam os serviços oferecidos pelo arquivo. Em outras palavras, “Difusão Cultural é a disseminação da informação dos arquivos que visa atrair os usuários, para diversidade de informação contida no mesmo e sensibiliza-los do quanto é fundamental adquiri-las” (SANTOS, 2010, p.59), levando em consideração que o arquivo detém patrimônio documental de uma sociedade, de um povo, de uma cultura.

Podem ser consideradas atividades de Difusão Cultural diversas atividades como: “exposições, eventos, comemorações, a participação do arquivo nas atividades de teatro, assim como nas ações desenvolvidas no ensino fundamental e no médio” (SANTOS, 2010, p.60), entre outras atividades, como:

[...] publicações, tanto de livros, como de revistas e boletins relativas á história regional, á literatura, á geografia, folclore, etc.; organização de eventos comemorativos; programas de rádio e televisão em torno de documentos importantes; aprimoramento de circuitos turísticos nos sítios históricos; espetáculos de teatro e música em torno de temas de história local e exposições temáticas e bem planejadas de seus documentos fora ou dentro de comemorações. Para cada um desses itens se poderia dizer muito e apresentar-se muitas possibilidades e modalidades de programação (BELLOTTO, 2002 *apud* SANTOS, 2010, p.60).

Entretanto a atividade mais usada pelos arquivistas, principalmente no que diz respeito a documentos imagéticos é a expografia, no qual se baseia esta pesquisa. Diante disto, faz-se necessário contextualizar, nos capítulos adiante, o que é expografia.

A iniciativa desta pesquisa surgiu em meio à paixão pelos documentos fotográficos e/ou iconográficos e consolidou-se a partir de experiências vividas no

projeto “Fotografia e Memória”, e tem como objetivo: Caracterizar uma proposta de Difusão Cultural a partir do acervo fotográfico d’O Sebo Cultural a fim de difundir a relevância cultural que possui a instituição, levando em consideração que o usuário, uma vez sensibilizado, possa além de adquirir mais interesse pela fotografia, reconhecer o valor documental e a riqueza cultural que possui o “documento” imagético, além da atividade de difusão cultural, proposta sendo executada, promover o conhecimento que muitos não obtém com relação á instituição e sua relevância cultural e ao conteúdo que possui o arquivo.

A pesquisa partiu da hipótese de que: os acervos fotográficos das instituições culturais são instrumentos para a elaboração de planos de Difusão Cultural. Como futura profissional da informação, a pesquisa faz-se importante não só pelo fato de se tratar de um estudo que envolve uma das minhas paixões, a fotografia, mas também por se tratar de um estudo que, de certa forma, irá sensibilizar e aguçar o conhecimento dos gestores e usuários quanto ao valor documental da fotografia, quanto ao tratamento e manutenção do documento e do acervo, pois algumas pessoas ainda não reconhecem o verdadeiro valor dos mesmos.

Para a ciência arquivística, a pesquisa possui relevante importância, pois se trata de uma pesquisa voltada para um arquivo especializado que lida com um documento que merece mais atenção e reconhecimento quanto ao seu valor documental pois segundo Bezerra (2014),

Os arquivos em geral tem que mudar o seu conceito sobre documento, pois, documento é tudo aquilo que representa um significado, um testemunho. Por isso, tudo aquilo que pode transmitir um significado é considerado informação – a foto é uma informação através da imagem – (é uma memória).

Ainda para ciência arquivística esta pesquisa torna-se relevante pois lança a proposta de promover uma atividade que, apesar de não ser nova e ser a melhor forma de propagar a informação contida no arquivo, ainda não é bastante desenvolvida dentro do ambiente arquivístico, e dessa forma, a pesquisa pode

chamar a atenção dos profissionais da área para uma reflexão sobre a realização deste tipo de atividade, enriquecendo ainda mais a Arquivologia.

Para a sociedade, a pesquisa torna-se importante, pois se trata de um trabalho realizado em uma instituição que se preocupa com a preservação da cultura sobre eventos ligados a atos culturais e torna essa instituição, O Sebo Cultural, mais conhecida para que a sociedade possa buscá-la para fins informativos, profissionais e acadêmicos, além atentar sobre a importância do arquivo fotográfico e/ou iconográfico e instigar a atenção das pessoas para a importância do arquivo, tanto como fonte de informação, quanto de memória e cultura.

Este estudo é composto por sete capítulos: o primeiro, trata-se da atual introdução e o segundo refere-se à metodologia utilizada para realização do mesmo. O terceiro capítulo é intitulado de: FOTOGRAFIA: DA CAIXA PRETA AO ARQUIVO, onde é possível encontrar cinco subcapítulos que tratam de uma breve abordagem sobre a trajetória da fotografia desde a imagem até seu sentido enquanto documento de arquivo, sendo citado na maior parte das vezes Flusser (1985), levando em consideração sua obra intitulada de Filosofia da Caixa Preta, que aborda de forma concisa, o que pretende o capítulo.

No quarto capítulo, temos uma explanação concisa sobre o que é difusão cultural, seguindo o contexto de arquivo, e sobre a atividade a qual se baseia esta pesquisa, a expografia. Este capítulo é composto por quatro subcapítulos os quais possuem citações de expressivos autores como Bellotto (2006), Blaya Perez (2005), Portella (2012), entre outros, como também de Galdino (2012), arquivista graduada pela Universidade Estadual da Paraíba.

O quinto, capítulo traz consigo uma breve sinopse d'O Sebo Cultural, no qual o leitor vai conhecer de uma forma breve o valor cultural desta instituição e dessa forma poderá entender melhor a importância desta pesquisa na referida instituição cultural.

O sexto capítulo trata sobre a caracterização da proposta expográfica e é composto por dois subcapítulos, que explanam o motivo de caracterizar uma proposta de difusão para O Sebo Cultural, além de apresentar como surgiu o tema, o título, o design, como se deu a escolha de materiais para a atividade de difusão e de que forma foi possível chegar a idéia da proposta de expografia.

O sétimo e último paragrafo trata-se das considerações finais feitas ao término da pesquisa.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 Caracterização da pesquisa

Este estudo classifica-se como pesquisa empírica, conhecida também como pesquisa de campo, tendo em vista que o pesquisador efetuará sua coleta de dados diretamente no campo de pesquisa, O Sebo Cultural, situado à Avenida Tabajaras, Nº 848, no centro da cidade de João Pessoa- Paraíba.

Segundo Rodrigues (2007, p. 42), a pesquisa empírica,

É aquela que busca fontes primárias, no mundo dos seus acontecimentos não provocados nem controlados pelo pesquisador, que se caracteriza por desenrolar-se em ambiente natural. Trata-se de um procedimento baseado na observação direta do objeto estudado no meio que lhe é próprio.

De acordo com Demo (2000, p.21), a pesquisa empírica é aquela dedicada ao tratamento da “face empírica e fatural da realidade; produz e analisa dados, procedendo sempre pela via do controle empírico e fatural.”

Além disso, este trabalho envereda por uma abordagem qualitativa e Rodrigues (2007, p. 39) diz que esta é “a denominação dada à pesquisa que se vale da razão discursiva”. Este estudo tende a ser ainda de caráter documental e exploratório, por se tratar de uma pesquisa feita a partir de documentos, contemporâneos e retrospectivos, considerados cientificamente autênticos, tendo em vista que o pesquisador fará a busca de documentos fotográficos que caracterizam a participação do Sebo Cultural em eventos ligados à cultura e que, segundo Michel (2009, p.37):

[...]não se comprova numérica ou estatisticamente, mas convence na forma da experimentação empírica, a partir de análise feita de forma detalhada, abrangente, consistente e coerente, assim como na argumentação lógica das ideias, pois os fatos em ciências sociais são significados sociais, e sua interpretação não pode ficar reduzida a quantificações frias e descontextualizadas da realidade. Na pesquisa qualitativa, o pesquisador participa, compreende e interpreta.

Como critérios para seleção de fontes relacionadas à Difusão Cultural, foram revisados estudos relacionados também à fotografia, entre o período de maio de 2013 a março de 2014, nas bases de dados do Portal Capes, Biblioteca Digital da Unicamp, Scielo, BDTD, e no Sistema Integrado de Bibliotecas da UEPB, teses, periódicos, dissertações, TCCs, com referências datadas de 1984 à 2014. Foram utilizados os descritores: “metodologia”, metodologia científica”, “difusão cultural”, “atividades de difusão cultural”, “difusão cultural em arquivo”, “fotografia”, “fotografia nos arquivos”, “expografia”. Os critérios de inclusão foram: artigos, ensaios, livros, TCCs, dissertações, teses, em português. Foram excluídos estudos que não abordassem o tema desta pesquisa e que não foram de encontro com os critérios de inclusão. Das 47 fontes selecionadas, 15 foram descartas, pois não corresponderam, de forma significativa, ao objetivo da pesquisa.

2.2 Problematização

A fotografia é a expressão de olhares, é o captar de um momento que não irá mais se repetir, ela é uma imagem, um registro de algum acontecimento o qual alguém o tenha considerado importante para um momento histórico, ou simplesmente para sua vida pessoal. Ela é capaz de traduzir sentimentos, cultura, perfil, dentre inúmeras outras coisas, mas ainda assim, para muitos, não possui tanto valor e importância. Fotografia, esse foi o método encontrado pelo homem para gravar, captar e reproduzir suas manifestações culturais.

Apesar de toda sua capacidade de captar para sempre um momento, a importância da fotografia como documento e fonte de informação ainda é muito incipiente, escassa, pois, o *status* de documento geralmente é atribuído a documentos textuais em suporte papel, onde de acordo com Lacerda (2012, p. 284.)

Têm-se argumentado que o predomínio da documentação de caráter textual nos arquivos, presente desde os primeiros conjuntos documentais, ainda na Antiguidade, seria uma forma de explicação dessa lacuna. De fato, fotografias[...], são registros produzidos e acumulados nas eras moderna e contemporânea, presentes a partir da segunda metade do século XIX. Se por um lado esses registros são aquisições 'recentes' no mundo arquivístico, por outro lado sua existência representa uma transformação notável na área, modificando profundamente a própria forma de se produzir e acumular arquivos no mundo contemporâneo, impacto que apenas recentemente foi atenuado pelo surgimento dos documentos eletrônicos.

Portanto, a atividade de Difusão Cultural é considerada a forma mais coesa e coerente de chamar a atenção do usuário não apenas para a importância da fotografia como fonte de memória e cultura, mas também para sua importância enquanto documento de arquivo, onde se custodia informação de cultura, povos, sociedade. A Difusão Cultural é considerada por alguns arquivistas como uma atividade secundária dentro do arquivo, mas isso não implica em ser menos importante, ela deve ser colocada entre as prioridades do arquivo, tendo em vista que através dela a sociedade passará a conhecer o patrimônio documental que ali existe.

A Difusão Cultural estreita laços entre o arquivo e a sociedade e considerando o exposto, surge a indagação: como caracterizar uma proposta de Difusão Cultural para O Sebo Cultural a partir das fotografias custodiadas pelo mesmo a fim de difundir a importância dessa instituição para sociedade?

2.3 Objetivos

2.3.1 Objetivo Geral

Caracterizar uma proposta de Difusão Cultural a partir do acervo fotográfico d'O Sebo Cultural a fim de difundir a relevância cultural que possui a instituição.

2.3.2 Objetivos Específicos

- Identificar as fotografias referentes a eventos ligados à cultura regional paraibana.
- Enunciar O Sebo Cultural como agente da cultura local.
- Elaborar um plano de expografia itinerante como instrumento de Difusão Cultural das práticas culturais d'O Sebo.

2.4 Universo e amostragem

De acordo com Richardson (2011, p.157) universo ou população (termo usado pelo autor),

É o conjunto de elementos que possuem determinadas características [...]. Em termos estatísticos, população pode ser o conjunto de indivíduos que trabalham em um mesmo lugar, os alunos matriculados em uma mesma universidade, toda a produção de refrigeradores de uma fábrica, todos os cachorros de determinada raça em certo setor de uma cidade, etc.

Sendo assim, pode-se dizer que universo ou população é um conjunto com pelo menos, uma característica em comum.

Já a amostragem Segundo Bacelar (1999 *apud* ALVES, 2006, p.12),

Resulta em elementos selecionados deliberadamente pelo investigador, geralmente por este considerar que possuem características que são típicas ou representativas da população. Isso não significa que a amostra assim obtida seja necessariamente representativa da população ainda que o investigador possa ter essa opinião.

A amostra é conceituada por Richardson (2011, p.158) “como qualquer subconjunto do conjunto universal ou da população”, assim pode-se concluir que a amostra é extraída da população com a intenção de ser analisada e trazer informação sobre a população.

Com base nesse entendimento a atual pesquisa selecionou como universo O Sebo Cultural, a amostragem foi do tipo intencional não aleatória, a partir dos seguintes critérios:

- a) ser documento iconográfico de produção ou recebimento do Sebo Cultural;
- b) existir em suporte físico e;
- c) registrar imagens da participação d'O Sebo Cultural em eventos ligados à cultura local.

Delineando ainda mais o fenômeno a ser estudado, esta pesquisa selecionou como amostra um número de dez documentos iconográficos que registram eventos ligados à cultura local, mais precisamente imagens que registram as ações e eventos culturais com participação ou coparticipação d'O Sebo Cultural.

2.5 Campo empírico

O campo empírico onde se realizou esta pesquisa foi O Sebo Cultural, situado à Avenida Tabajaras, nº 848, no centro na cidade de João Pessoa- PB.

Segundo o site da instituição, www.osebocultural.com, o *lócus* desta pesquisa tem como objetivo divulgar não apenas as ações culturais nas quais está envolvido, como também todas as ações que expressam a arte e o saber da nossa gente.

O Sebo Cultural está levantando a memória das suas realizações, inclusive com resumo biográfico/bibliográfico de personalidades que fizeram a história do livro na Paraíba além de possuir um site *e-commerce* para compra de livros, o www.osebocultural.com.br.

Na Paraíba, muitos conhecem, ou pelo menos já ouviram falar das ações culturais implementadas pelo Sebo Cultural que se diferenciam das ações da maioria dos demais sebos, tanto pela quantidade e qualidade do acervo, como pela sua história de ação cultural.

Nestes mais de 26 anos de atividades, O Sebo Cultural coloca a disposição da população mais de 300 mil livros. Vende e compra livros em todo o mundo, e ao mesmo tempo, tem prestado serviços bibliotecários gratuitos à população paraibana. Para se ter uma ideia da dimensão dessa ação, basta ver que já são mais de quarenta livros e livretos publicados, inclusive algumas antologias; mais de 20 concursos promovidos; mais de 40 debates, palestras e seminários organizados; e mais de 200 eventos para lançamento de livros. São mais de 300 atividades e produções com a coparticipação do Sebo e mais outras 400, onde O Sebo entrou como apoio ou patrocínio.

Em sua vida cultural O Sebo possui participação em festivais, na Revista Bazar, e muitos projetos alternativos, como o das Sacolas Poéticas, das Feiras de Livros, das coletâneas musicas e poéticas, Caravanas Populares de Cultura, Cursos de Formação de Agentes Culturais, Viva o Verde, projeto Mostre o seu

talento, galeria de escritores, festa anual da Poesia, Concurso Outros Olhares dentre outros projetos.

O reconhecimento deste trabalho cultural realizado pelo Sebo aqui na Paraíba contou com diversos votos de aplausos da Câmara Municipal e da Assembleia Legislativa, onde foi aprovada para o mesmo a concessão da Medalha Augusto dos Anjos, honraria máxima na cultura paraibana, além de ter sido concedido ao mesmo pela Secretaria de Educação e Cultura do Governo do Estado da Paraíba o Selo de Responsabilidade Cultural, através do Conselho Estadual de Cultura.

Figura 1. Fachada d'O Sebo Cultural



Fonte: www.osebocultural.com

2.6 Instrumento de coleta de dados

Tendo a pesquisa empírica como objetivo buscar informações sobre um problema e sabendo que “no planejamento de uma pesquisa é indispensável a definição dos instrumentos que serão empregados com o intuito de coletar dados necessários para o desenvolvimento do trabalho científico,” (ANDRADE, 2006, 82), a atual pesquisa levou em consideração como instrumento de coleta de dados o Levantamento Documental do acervo do Sebo Cultural, em que se fará uma análise das imagens coletadas, a fim de evidenciar a importância documental e cultural das fotografias e, dessa forma, a relevância cultural existente no Sebo.

3 FOTOGRAFIA: DA CAIXA PRETA AO ARQUIVO

Esse capítulo é composto por cinco subcapítulos que tratam de uma breve abordagem sobre a trajetória da fotografia desde a imagem até seu sentido enquanto documento de arquivo, sendo citado na maior parte das vezes Flusser (1985), levando em consideração sua obra intitulada de Filosofia da Caixa Preta, Barthes (1984) e Kossoy (2005), que abordam de forma concisa, o que pretende o capítulo. “As imagens revelam seu significado quando ultrapassamos sua barreira iconográfica; quando recuperamos as histórias que trazem implícitas em sua forma fragmentária.” (KOSSOY, 2005, p.36).

3.1 A Imagem

A imagem possui um caráter mágico e de poder dentro da sociedade, por magicizar (termo usado por FLUSSER,1985) momentos, que, se tornam códigos capazes de recontar acontecimentos culturais, pessoais, em fim, de uma sociedade. Flusser (1985, p.7) considera a imagem como “códigos que traduzem eventos em situações, processos em cena. Não que elas *eternizem* eventos; elas substituem eventos por cenas”. A sua origem, é devido à imaginação que é capaz não apenas de fazer imagens, mas, também de decifrá-las, daí parte-se para idéia da escrita onde alguns profissionais afirmam que os textos decifram as imagens, mas, será que não são as imagens que decifram os textos? Flusser (1985, P.8) afirma que:

A relação texto-imagem é fundamental para a compreensão da história do Ocidente. Na Idade Média, assume a forma de luta entre o cristianismo textual e o paganismo imaginístico; na Idade Moderna, luta entre a ciência textual e as ideologias imaginísticas. A luta, porém é

dialética. À medida que o cristianismo vai combatendo o paganismo, ele próprio vai absorvendo imagens e se paganizando; à medida que a ciência vai combatendo ideologias ela, vai ela própria absorvendo imagens e se ideologizando. Por que isso ocorre? Embora textos expliquem imagens a fim de rasgá-las, imagens são capazes de ilustrar textos, a fim de remagicizá-los. Graças a tal dialética, imaginação e conceituação que mutuamente se negam, vão mutuamente se reforçando. As imagens se tornam cada vez mais conceituais e os textos, cada vez mais imaginativos. Atualmente o maior poder conceitual reside em certas imagens, e o maior poder imaginativo em certos textos. Deste modo, a hierarquia dos códigos vai se perturbando: embora os textos sejam metacódigo de imagens, determinadas imagens passam a ser metacódigo de textos.

Partindo da ideia citada de que imagens são metacódigos de textos e textos de imagens, obtém-se a ideia de que os textos estão se tornando uma tela entre a sociedade e as imagens, pois estão ganhando mais credibilidade que as imagens, eles acabam por traduzir o que dizem as imagens e as impede de transmitir o que querem falar através do olhar minucioso do receptor, o que ainda segundo Flusser(1985), causa uma dependência sobre o homem que passa a viver em função dos textos que, de certa forma, são “inimagináveis” como no caso dos textos das “ciências exatas”, e acabam quebrando a magicização da imagem. Flusser, (1985, p.9) afirma que:

História é explicação progressiva de imagens, desmagicização, conceituação. Lá, onde os textos não mais significam imagens, nada resta a explicar, e a história pára. Em tal mundo explicações passam a ser supérfluas: mundo absurdo, mundo da atualidade.

É exatamente no “mundo da atualidade”, que passam a ser inventadas as imagens técnicas, onde se encaixa, em primeiro lugar, a fotografia, com a missão de ultrapassar a crise dos textos (FLUSSER 1985).

As imagens técnicas são aquelas produzidas por aparelhos, manipulados por um fotógrafo e possuem a tarefa de reunificar a cultura. “A função das imagens técnicas é a de emancipar a sociedade da necessidade de pensar conceitualmente”, (FLUSSER, 1985, p.11).

3.2 Produzindo a imagem técnica: o aparelho fotográfico.

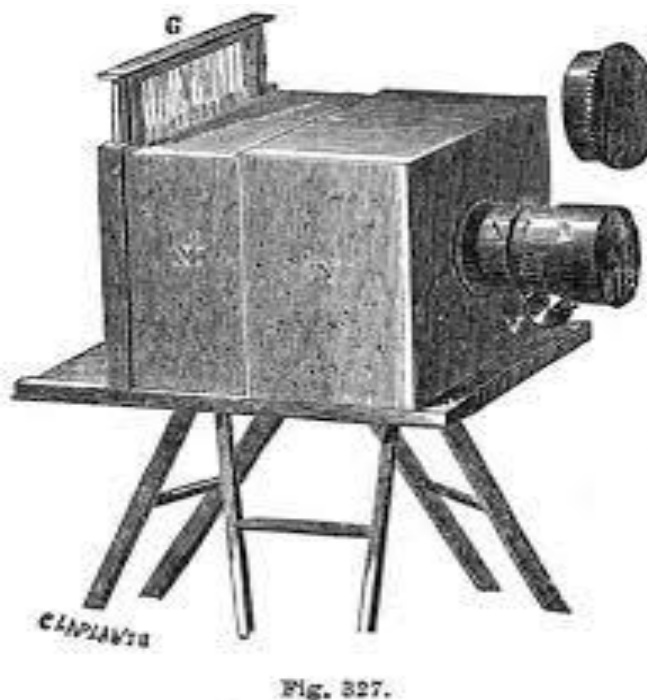
Manuseado pelo fotógrafo, o aparelho fotográfico está fadado a produzir fotografias e estas são a realização das potencialidades do mesmo, que, a cada fotografia que produz, perde uma parte de suas potencialidades previamente escritas nele por seus produtores e, a cada potencialidade esgotada, o aparelho vai realizando o universo fotográfico. Segundo Flusser (1985, p. 15):

O fotógrafo manipula o aparelho, o apalpa, olha para dentro e através dele, a fim de descobrir sempre novas potencialidades. Seu interesse está concentrado no aparelho e o mundo lá fora só interessa em função do programa. Não está empenhado em modificar o mundo, mas em obrigar o aparelho a revelar suas potencialidades. O fotógrafo não trabalha com o aparelho, mas brinca com ele.

Assim sendo, o aparelho pode ser considerado um “instrumento inteligente” e o fotógrafo, ao invés de trabalhar, brinca com ele, buscando melhores ângulos, melhores técnicas para captar sua intenção. Nesse caso, “aparelhos são caixas pretas que simulam o pensamento humano, graças a teorias científicas, as quais, como o pensamento humano, permutam símbolos contidos em sua “memória”, em seu programa. *Caixas pretas* que brincam de pensar (FLUSSER, 1985, P.17), ilustrar o fato, o acontecimento, a intenção do fotógrafo, é o que faz esse “cuspidor de fotos” (aparelho), ele está programado enquanto aparelho para reproduzir automaticamente fotografias, o aparelho, passa ser um desafio para o fotógrafo, onde,

[...] embora o fotógrafo se perca em sua barriga preta, consegue, curiosamente, dominá-la. O aparelho funciona, efetiva e curiosamente em função da intenção do fotógrafo. Isto porque o fotógrafo domina o *input* e o *output* da caixa: sabe com que alimentá-la e como fazer para que ela cuspa fotografias. (FLUSSER, 1985, p.15)

Figura 2. Caixa Preta.



Fonte: Google (2014).

O aparelho permite ao fotógrafo, através do jogo das luzes, enquadrar o momento, o acontecimento no ângulo de seu interior escuro e assim capta a intenção de seu operador. “Aparelhos são objetos do mundo pós-industrial, para o qual ainda não dispomos de categorias adequadas” (FLUSSER, 1985, p.14) e, assim como tantas outras coisas, o aparelho fotográfico evoluiu juntamente com a tecnologia, tanto no tamanho quanto nos preços. Enquanto antes se fazia necessário transportar várias bagagens com os equipamentos para efetivar a função de fotografar, hoje fotógrafos podem carregar apenas o seu aparelho.

Hoje, os aparelhos possuem programas que fazem com que o fotógrafo possa explorá-lo a fim de alcançar melhores resultados para sua captura, sem que o operador precise preocupar-se tanto em criar efeitos com o ambiente natural, mas isso não quer dizer que ele não precise “caçar” na savana que se encontra diante dele. Ele ainda precisa criar ângulos e situações que facilitem a captura de sua intenção. O aparelho facilita o seu trabalho, mas o fotógrafo ainda precisa alimentá-lo (FLUSSER, 1985).

3.3 A imagem FOTOGRAFICA

A fotografia teve seu surgimento no século XVII e foi rapidamente empregada, por sua capacidade de reter um fragmento da realidade. Ao referir-se a sua origem é sempre bem comum encontrarmos Niépce que em “1816 realiza a primeira fotografia de fixação permanente”, e Daguerre que em 1839 aperfeiçoa sua criação o daguerreótipo, uma placa de cobre coberta por uma camada sensível de prata, que “conforme o ângulo de iluminação, os sais de prata parecem formar então uma imagem positiva” Rousseau, Couture (1990, p.231), mas, não se pode esquecer que ela passou por diversas evoluções e seus idealizadores até chegar a esses grandes nomes:

Abu-Ali al Hasan (956-1034), astrônomo e óptico árabe[...]; Leonardo da Vinci (1452-1519), italiano, deixa a descrição mais completa do período pré-industrial do processo de aparecimento de uma imagem invertida em uma “câmara escura”; Reiner Gemma Frisius, físico e matemático holandês, faz a primeira ilustração do processo da câmara escura[...]; Friedrich Risner descreve uma câmara portátil, mas a publicação só é feita após sua morte na obra Optics de 1606; Johann Kepler[...]; Joseph Niépce, no início do século XIX, trabalha com litografia[...]; Louis Jacques Daguerre, descobriu que uma imagem quase invisível, latente, podia revelar-se com o vapor de mercúrio, reduzindo-se assim de horas para minutos o tempo de exposição; dentre outros.
(<<http://www.fotoreal.com.br/fotografia/historia-da-fotografia>>)

A fotografia foi a primeira imagem técnica a ser inventada. Esta possui conceitos relativos a diversas situações, coisas; ela possui conceitos relativos ao mundo, conceitos estes expressos através dela. É como se elas falassem. Barthes (1984, p.12) diz que a “fotografia é submetida a três divisões, são elas: empíricas (Profissionais/ Amadores), retórica (Paisagens/ Objetos/ Retratos/ Nus) ou estéticas (Realismo/ Picturalismo)”, e que ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente.

A fotografia passa a ser uma manipulação do que se vê, tendo em vista que ela sempre possui um foco, uma razão para a tomada da imagem. Ela é uma superfície imóvel e muda, entretanto, pode falar demais se for levada à reflexão e se sugerir sentido. Tudo isso sem que haja nenhum registro textual. É nesse silêncio que possui que traz o que pretende dizer, ela pode ser entendida em

segundos de acordo com o olhar de quem á observa, ela significa um pensamento. “Se vejo, sinto, portanto noto, olho e penso” (BARTHES, 1984, p.39). Ainda segundo Barthes (1984, p.52), “A fotografia foi, é ainda atormentada pelo fantasma da Pintura; a fotografia faz dela, através de suas cópias e de suas contestações, a Referência absoluta, paterna, como se tivesse nascido do Quadro.”.

Entretanto, de acordo como pensamento de Barthes (1984), a causa essencial para a descoberta da fotografia foi a físico-química, o que é bem diferente da pintura que pode simular a realidade, sem que o pintor jamais estivesse estado no local a qual ela se refere, a fotografia fornece ao receptor da imagem maiores detalhes ali constituídos e ainda atesta o que está impresso em sua superfície, como afirma Kossoy (2005, p.39) quando diz que “[...] diante das imagens de um passado recente ou afastado no tempo se deposita na fotografia o crédito secular[...] de testemunho “fiel”, documento preciso daquele momento.”, ou seja, ela não produz o efeito de restituir o que já passou, mas sim, o de atestar, tornar verídico, o que de fato já veio a existir.

Em sua imobilidade, a fotografia, anestesia os seus personagens, “em pose, sempre foi assim” (BARTHES, 1984, p.117), faz com que eles ali permaneçam, nos levando a considerar a fotografia como uma máquina do tempo, que, nos permite rever pessoas que em diversas vezes já “partiram”, reviver momentos congelados por ela em cenas e até mesmo conhecer histórias, cenários, situações nela representadas, podendo a fotografia ser assim considerada como “guardadora” da memória, aquela que atesta o acontecido e o mantém vivo em seu registro, podendo ela oscilar o seu significado diante da ideologia, de cada momento e do pensamento de seu usuário. “Através da fotografia, aprendemos, recordamos, e sempre criamos novas realidades” (KOSSOY, 2005, p.36).

3.4 A fotografia como documento especial

Os documentos configuram-se na “unidade de registro de informações, em qualquer que seja o suporte ou formato” (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 73). Sendo assim a fotografia é considerada documento, pois “é indiferente a qualquer revezamento: ela não inventa; é a própria autenticação [...] (BARTHES, 1984, p. 128; 129), entretanto, possui dois contextos de acordo com o dicionário brasileiro de terminologia arquivística, o de documento fotográfico e o de documento iconográfico, não cabendo a essa pesquisa evidenciar qual o melhor termo para referir-se a fotografia enquanto documento, mas deixando claro que a terminologia torna-se falha nesse sentido.

Por não possuir os elementos do documento textual cria-se um mau entendimento da fotografia como documento, tendo em vista que muitos profissionais ainda não a considerem como tal, o que acaba não tornando unânime o seu valor enquanto documento na área arquivística. Contudo, ainda que seja por poucos olhos, muitas instituições possuem coleções fotográficas guardadas tendo em vista que a fotografia possui poder de atestar acontecimentos, fatos, assuntos, aquilo que alguém intencionalmente fotografou; tudo isso através do seu impresso e, por esse motivo, pode-se considerar sua imagem como documento, mas ela só é considerada documento quando a sua produção parte da vontade de documentar, de registrar por algum motivo um acontecimento, é como se ela só se tornasse documento quando o produtor passa a pensar em um suposto receptor. De acordo com Manini (2009 *apud* GALDINO 2012, p.49),

A fotografia só se torna um documento de uso geral, de interesse público coletivo e de importância histórica e/ou cultural quando inserida num arquivo: importará sua origem ou proveniência, a finalidade de sua criação ou produção, e será tratada segundo um agrupamento sistemático, respeitando a organicidade do fundo a que pertence.

Ou seja, no contexto arquivístico, para que a fotografia seja entendida como documento é preciso que a mesma seja tratada assim como os documentos em demais suportes. Enquanto, partindo da ideia de Schwartz (1995 *apud* LACERDA, 2012, P. 296):

Uma fotografia[...] somente torna-se um documento[...] quando é cotejada com seu contexto funcional. Sua 'natureza de verdade' não pode ser discernida da forma ou mesmo do conteúdo da fotografia somente. Seu valor de prova, ligado à mensagem[...], só se torna claro quando a imagem retorna a seu contexto de produção, objetivo e uso mais amplo. O valor da imagem fotográfica e seu papel na ação na qual teve participação não se encontra no conteúdo da imagem, nem vem amalgamado nos elementos intrínsecos e extrínsecos da forma. Ao contrário, está ancorado no contexto funcional da criação e não pode ser separado da própria imagem[...]. O valor informacional de uma fotografia está fixado pelo seu conteúdo, já seu valor de prova não é nem absoluto nem estático, ao contrário, varia segundo as circunstâncias diferenciadas de criação do documento.

Sendo assim, a fotografia torna-se documento quando o fotógrafo que é um dos responsáveis pela criação do documento fotográfico, reconhece a necessidade de documentar um fato através do ato de fotografar, quando ele passa a pensar em um motivo, no porque ela deve ser e foi produzida, quando ele tem uma visão para um suposto receptor, quando pensa nela como comunicação com usuário e é inserida no arquivo respeitando sua cultura organizacional. A fotografia pode ainda ser considerada patrimônio cultural, pois, segundo a Constituição da República Federativa do Brasil (1988 *apud* PORTELA, 2012, p.20) o patrimônio cultural brasileiro é composto por “bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”, nesse contexto inclui-se os documentos e, portanto, as fotografias. Fotografias são consideradas, costumeiramente, documentos únicos, referentes ao tema ou fato visual que apresentam, produto de uma autoria que encontra no fotógrafo a personalidade criadora da imagem. (LACERDA, 2012, P.288)

A fotografia, enquanto documento, é “um instrumento de fixação e memória, nesse sentido, nos mostra como eram os rostos, objetos, etc[...],

enquanto representação, nos faz imaginar os enigmas que esconde, o não manifesto, a emoção e a ideologia do fotógrafo.”(KOSSOY, 2005, p.41).

Essa tipologia documental encontra-se ainda na categoria de arquivos especializados onde de acordo com Galdino (2012, p.49) seguindo o pensamento de Paes (2004), “arquivos especiais têm sob sua guarda documentos em diferentes tipos de suportes e por esse motivo precisam ser tratados de forma especial, em seu armazenamento, registro, acondicionamento, controle e conservação”. Ainda segundo Galdino (2012, p. 52), com relação aos arquivos especiais, é preciso ter um “cuidado maior nos processos de arquivamento tendo em vista a fragilidade do suporte. É de suma importância que haja os devidos cuidados com esse tipo de documento, para que sejam preservadas e mantidas as características da imagem”. Dessa forma, a fotografia cumpre com o seu papel como documento garantindo a autenticidade da informação registrada.

3.5 A fotografia nos arquivos

A fotografia nos arquivos é uma problemática, tanto para defesa quanto para negação do seu valor documental arquivístico, não só por apresentar diferenças dos documentos textuais, problemática essa exposta no capítulo anterior, mas também por, em alguns casos, não ser levado em consideração o seu valor de prova. Pode ser citado como exemplo nesse contexto o fato de em alguns casos judiciais, em razão ao avanço da tecnologia, não as levarem em conta como prova (as fotografias), devido a tecnologia que apesar de nos ajudar constantemente (de certa forma), trazem consigo alguns problemas, como ferramentas que dificultam o seu atestado de autenticidade, que permite alterações de dados até mesmo das fotografias, ou seja, como já exposto anteriormente seu valor de prova não é nem absoluto nem estático, ao contrário, varia segundo as circunstâncias diferenciadas de criação do documento.

Entretanto, tem sido crescente a valorização desse “documento” como fonte para estudos não só culturais como também históricos. Estudos esses que renovam as fontes arquivísticas onde Lacerda (2012, p.287) diz que:

As fontes arquivísticas têm sua importância reforçada ou renovada por esses estudos, que oferecem análises capazes de nutrir o pensamento teórico e metodológico referente aos arquivos, num processo de trocas interdisciplinares bastante profícuo.

São poucos os estudos que se referem à questão das imagens na área arquivística, mas, aos poucos, têm se delineado trabalhos que discutem o tratamento da fotografia, levando a sua natureza documental em consideração, como segue o exemplo desta pesquisa que, através de uma atividade de Difusão Cultural, a expografia, pretende não só evidenciar a natureza documental da fotografia como também a importância do arquivo para sociedade. Segundo Lacerda (2012, p.289),

A fotografia em arquivos desmitifica o caráter de obra única atribuída às fotografias artísticas, embora esse valor possa estar presente em vários exemplares de um arquivo. O caráter serial dos arquivos – que evidencia a produção em série de documentos – tem no aspecto quantitativo um fator que reforça a ideia de autoridade dos documentos e, no caso das fotografias, se alia ao efeito realista do discurso fotográfico, contribuindo para conferir à série um caráter de prova.

O valor de documento da fotografia dentro do arquivo “foi socialmente construído, uma vez que o resultado da imagem não era reconhecido como representação, mas como canal transparente do próprio objeto representado” (LACERDA, 2012, p. 290).

O documento fotográfico no arquivo pode ser encontrado não apenas em meio às fotografias, como também em séries de tipologias documentais diferentes, como, documentos textuais, eletrônicos, etc, isso vai depender o contexto que o envolve.

4 PROMOVENDO O CONHECIMENTO DOS ARQUIVOS ATRAVÉS DA DIFUSÃO CULTURAL: EXPOGRAFIA

Este capítulo possui uma breve explanação concisa sobre o que é difusão cultural, seguindo o contexto de arquivo, e sobre a atividade a qual se baseia esta pesquisa, a expografia, sendo o mesmo composto por quatro subcapítulos os quais possuem citações de grandes autores como Bellotto, Blaya Perez, Portella, entre outros, como também de aluna uma graduada na Universidade Estadual da Paraíba, Galdino(2012).

4.1 Difusão no Arquivo.

A difusão, seguindo o contexto de arquivo, no sentido amplo de sua definição, é entendida como a disposição da informação documental ao receptor. Isso pode ser interpretado como o ato de disponibilizar a informação. (MARTÍNEZ COMECHE, 1995 *apud* PORTELLA, 2012, p.26). Ou seja, cabe ao profissional arquivista promover uma difusão do arquivo a fim de informar sobre a sua importância para sociedade, sua importância informacional e cultural, além de trazer nessa difusão informações sobre a manutenção e preservação do acervo e seus documentos.

A gestão documental tem como fim o acesso e a preservação dos acervos produzidos permitindo o seu amplo conhecimento por seus usuários. Assim, entre as funções arquivísticas, está a difusão, o ato de comunicar a sociedade os acervos, instigando-a a pesquisa. (PORTELLA, 2012, p.26).

Sabendo-se então que a função do arquivo é reunir, organizar, conservar e tornar acessível a informação contida nos documentos os quais custodia e que a melhor forma de tornar acessível esses documentos, é realizando a difusão do

arquivo, encontra-se em disposição do arquivista três seguimentos de difusão: editorial, cultural e educativa.

De acordo com Portella (2012, p.28) , “a difusão editorial consiste na publicação de informações sobre o conteúdo informacional constante nos acervos, as atividades e dos programas desenvolvidos pelo arquivo”. Nesse seguimento Bellotto (2006, p. 229), diz que para o arquivo a partir das publicações editoriais tornam-se possível:

[...] atrair novos usuários, e fazê-los compreender o que é e o que representa. Isso porque, além dos instrumentos de pesquisa – inegável forma de possibilitar o acesso direto do pesquisador ao documento primário – um arquivo público pode produzir outros gêneros de publicações que o tornem também centro de vivência e de inter- relações culturais, tanto quanto um laboratório de pesquisa histórica. São os manuais, as edições de textos, as monografias de caráter histórico, os catálogos seletivos, as edições comemorativas. (BELLOTTO 2006, P. 229)

Já a difusão cultural, a qual fez uso esta pesquisa, está totalmente ligada às atividades do arquivo, a sua documentação, o que representa e, segundo Blaya Perez (2008 apud PORTELLA, 2012, p.27), essa atividade “pode consistir em conferências, visitas guiadas, oficinas, exposições, lançamento de livros, ciclos de projeções, entre outros”. Galdino (2012, p.57), tomando como base Bellotto (2006), Alberch e Boadas (1991) e Barbosa e Silva (2012), torna-se possível elencar algumas atividades que podem ser desenvolvidas nos arquivos como difusão cultural, dentre elas estão:

a) Exposições: meio de aproximação entre a sociedade e o patrimônio documental do arquivo - exposições permanentes: exposições temporais: fixas ou itinerantes; exposições em ambiente digital: temporais ou permanentes

b) Publicações: canais de comunicação com o mundo exterior ao arquivo, ligados com o acervo e com a memória preservada por ele. – publicações culturais: monografias, revistas de caráter histórico, boletins de informação;

publicação de livros; publicação de periódicos, publicação de conteúdo de internet;

c) Eventos culturais: recitais de literatura; sessão de cinema; lançamento de livros, etc.;

d) Ação Educativa: podem ser desenvolvidas ações que estejam sob a competência do arquivo ou sob a competência de escolas;

e) Visitas Guiadas: proporcionar a visita de grupos de alunos, sendo guiados a conhecer um fundo documental, ou mesmo uma exposição de fotografias;

f) Palestras: realizar palestras sobre parte de um acervo ou um fundo documental específico;

g) Mini-cursos: atividade que pode suscitar o interesse pelo estudo de atividades de arquivo;

h) Preparação de materiais didáticos: que podem ajudar a divulgar o arquivo e também ser um facilitador do conhecimento das atividades arquivísticas.

A difusão cultural é um tipo de difusão que leva em consideração o uso de atrativos de dentro do arquivo, o uso de ferramentas que chamem a atenção e façam o usuário paralisar, nem que seja por segundos. Ademais, esse tipo de difusão, segundo Bellotto (2006, p.228), possui duas funções: “lançar elementos de dentro para fora, procurando atingir um campo de abrangência cada vez mais amplo e, a que permite o retorno dessa mesma política, acenando com atrativos no recinto do arquivo”. Ou seja, ao pensar na atividade de difusão cultural o arquivista deve pensar também na atividade que melhor propicie a chamada da atenção do usuário, a viver experiências novas e diferentes, atividades que façam com que o usuário compreenda a função do documento e sua importância. O arquivista deve preocupar-se com a formação da cidadania do público a partir do que foi apresentado a ele.

A difusão educativa é aquela que visa à formação de usuários e que, através de ações educativas, vai ensinar como o usuário poderá fazer não apenas um melhor uso da informação, mas também um uso consciente e, deste modo, compreender a importância e preservação da documentação, pois é superimportante “o reconhecimento do verdadeiro valor dos arquivos como fonte educativa e a vontade de transformar o valor educativo potencial dos arquivos em programas positivos e realistas”. (PAYNE, 1980 apud BELLOTTO, 2006, p. 230)

Não necessariamente, é obrigatório o uso de apenas uma forma de difusão. As três formas podem ser utilizadas em conjunto, sem problema algum ao receptor, mas isso vai depender tanto da cultura organizacional como também dos recursos dispostos para a mesma e para o arquivista durante a tomada de decisão. As atividades de difusão favorecem não apenas ao arquivo, que cumpre com o seu objetivo de dar acesso à informação, como também ao usuário, que passa a entender melhor como se dá o acesso ao conhecimento e como fazer uso dos serviços prestados pelo arquivo, além de compreender a relevância do acervo e de seus documentos.

4.2 A expografia como forma de Difusão Cultural. Por que expografia?

Diante da realidade vivida pelos arquivistas nos últimos tempos, é possível perceber a falta de conhecimento sobre as verdadeiras funções do arquivo tanto por gestores, como por funcionários das organizações. O arquivo ainda é considerado como “depósito” de papéis e coisas velhas, um almoxarifado, um local “morto”, que não requer tanta atenção e cuidados, mas, diante desses “conceitos”, os arquivistas não devem simplesmente cruzar os braços e esperar que um milagre de compreensão aconteça e, por esse motivo, surge a função da Difusão Cultural dentro do arquivo, com a intenção de sensibilizar e informar não apenas o corpo organizacional como também a sociedade, sobre a importância e relevância cultural do arquivo e, possuindo o conhecimento de que a exposição é

uma das atividades que envolve a Difusão Cultural, como já citado no capítulo anterior, esta foi a atividade da qual fez uso esta pesquisa, delineando o tipo de exposição para realizar a difusão a partir do acervo fotográfico d'O Sebo Cultural.

A pesquisa fez uso da exposição itinerante, tendo em vista que a exposição seguindo o contexto expográfico e o sentido de difusão é a melhor forma de trabalhar com as fotografias e de propiciar a chamada de atenção do usuário levando em consideração que o mesmo, ao se aproximar e passar a visualizar as peças expostas, “sejam elas provenientes de seu território ou mesmo de um espaço distante”, é possível ao visitante apreciar e/ou criticar o contexto exposto, de forma que a informação exposta, reforça “o simbolismo cultural vivenciado por cada indivíduo no decorrer dos tempos” (MELLO E SILVA, 2012, p.173).

4.3 Contextualizando “expografia”.

O termo expografia já é utilizado desde a década de 1990 na França como bem coloca Araújo (2004 *apud* Mello e Silva, 2012, p.172):

O termo expografia foi inicialmente utilizado na França, a partir da década de 1990, tendo na figura de André Desvallée um grande defensor e difusor. A expografia ocupa-se, assim, da estruturação de uma linguagem complexa, plurissensorial, de grande intensidade de comunicação e grande capacidade de rearticulação de conhecimentos prévios, que opera com os objetos tomados como vocábulos e por meio de uma sintaxe abrangente que inclui o confronto, a taxionomia, a cronologia e a contextualização em suas mais diversas articulações. A expressão eficaz para a tradução do programa científico de uma exposição.

De acordo com Bezerra (2014) nos anos 80 a palavra expografia – nos museus – referia-se a colocação de ‘exposição’ que diz respeito ao ambiente, ou seja, cor, espaço, luz, etc. É uma ligação entre a forma o espaço e o que vai

expor. Essa atividade de Difusão visa conter num só lugar o bilhete de identidade de cada objeto da exposição, a ideia dessa atividade veio a surgir a partir da necessidade prática de disponibilizar, para os futuros visitantes/usuários, conhecimentos imediatos, visuais e até acadêmicos do que se quer dizer, das atividades e programação da instituição curadora de tal informação. (OCHOA, 2013, p.220).

Além disso, esse tipo de difusão tem como objetivo propiciar ao público a oportunidade de viver no silêncio do olhar o que lhe é exposto, ela faz nascer à curiosidade e a vontade de entender, como, quando, e porque tal objeto exposto ainda está ali, e é a partir desse momento que entra o arquivo, é onde o visitante vai entender a função do arquivo enquanto fonte de informação cultura e memória.

A proposta de expografia, “visa à pesquisa de uma linguagem e de uma expressão fiel na tradução de programas científicos de uma exposição” (DESVALLÉES, 1998, P. 221 apud CELESTINO, 2012, P. 004). Ou seja, ela deve possuir características próprias para que se consiga propiciar ao visitante o conhecimento do que está sendo exposto, e no caso desta pesquisa , além de propiciar o conhecimento do que foi exposto propiciar também o conhecimento sobre o acervo da instituição que custodia a coleção.

4.4 Refletindo... como se dá a expografia?

Ao pensar na “montagem de uma exposição, é necessário considerar que o evento é temporário e, ao mesmo tempo, fornece subsídios para a identificação de estratégias discursivas atribuídas a uma instituição”, inicia-se um processo de análise, pois a exposição é carregada de significados, levando em consideração o que será exposto (MARTINEZ, 2007, p.13). A expografia deverá ser composta de uma forma lógica, um seguimento que leve em consideração um tipo de

articulação das imagens que serão expostas, para que elas possam concluir o seu propósito de refletir uma intenção.

Desse modo a expografia tende a incorporar “comparações entre o presente e o passado, a fim de provocar a percepção de semelhanças e diferenças, [...] ela tende a propor em linguagem lúdica” a compreensão dos processos de trabalho de um “*arquivo*”, o que auxilia na relativização da suposta verdade e autoridade de seu discurso. (COSTA, 2010, P.416-417).

Essa atividade de Difusão faz uso de textos e fotografias que explicam ao visitante a autoria e o método utilizado para tal evento, ainda segundo Costa (2010, p.418) é uma “iniciativa inovadora e bastante profícua de expor não somente o discurso, mas também os silenciamentos através do ponto de vista narrativo a partir das ações demandadas do presente”.

Não se podendo esquecer que a expografia está ligada diretamente aos interesses da instituição que a promove, que tanto pode ser um “fato histórico, uma descoberta, um movimento estilístico, uma descoberta científica”, (PRIMO, 2011, P. 112) como simplesmente a vontade de fazer com que o público incline-se mais a vontade de conhecer a instituição, (nesse caso O Sebo Cultural), e seus serviços. Ou seja, entre as funções da exposição encontra-se a apreensão de conhecimento, do que se quer dizer ao visitante através da apresentação dos objetos, nesse caso as fotografias, “Para que essa comunicação seja efetiva, a exposição utiliza diversos fatores e elementos, entre os quais estão o ambiente, a organização do espaço, os sons, os ruídos, as imagens e os objetos expostos”. (SABINO, 2011, P. 201).

Visando o acontecimento da expografia, de forma eficaz e afim de que esta cumpra com os seus objetivos, é preciso levar em consideração os fatores citados acima por Sabino (2011), pois esses fatores não estando bem relacionados podem influenciar a concepção do que está sendo exposto. Para que a expografia possa oferecer ao usuário o entendimento que se quer passar sobre o conteúdo apresentado, proporcionando assim uma comunicação eficiente entre ambos, expografia e usuário, é preciso relaciona-los de forma coerente.

Segundo Cossio e Cattani (2010, apud Celestino, 2012, p.0006) “o design e a estética das exposições, devem ser pensados de acordo com o público, que é o interpretador. Desse modo, a exposição não é apenas um conjunto de mostra de peças mas tem relação com os objetivos de determinado tema”.

Toda exposição necessita de um curador que deve obter conhecimento sobre tudo o que será exposto, é ele que vai organizar o texto expográfico que vai rodear a expografia, o ato de comunicar o que é exposto necessita de um bom conhecimento por parte de quem expõe, exige uma pesquisa anterior à expografia. De acordo com Martinez (2007, p.18),

A ação do curador[...], é a de articular um conjunto de componentes, cuja heterogeneidade é preservada, na produção de outro texto – a exposição. Tanto a fotografia ou o texto verbal é constituinte de um texto-exposição que o engloba”. Essa relação é espacial, pois é num local determinado que esse texto curatorial se realiza. Mas é também temporal na medida em que se realiza no tempo de sua interpretação por um sujeito.

É a partir das necessidades exigidas pelo curador que se tomará o projeto arquitetônico, fazendo uso do ambiente, luz e sinalização, como exposto anteriormente, para que seja tudo sinalizado de uma forma que facilite a visualização e compreensão do que quer dizer a expografia. “Não existe um formato único, ou uma regra a ser seguida, cada exposição pode e deve ser original” (MARTINEZ, 2007, p. 20).

5 DE TIJOLO EM TIJOLO: A CONSTRUÇÃO DE UMA INSTITUIÇÃO CULTURAL NA PARAÍBA

Este capítulo traz consigo uma breve apresentação da história d'O Sebo Cultural, onde o leitor vai conhecer de uma forma breve o valor cultural desta instituição e podendo assim entender melhor a importância desta pesquisa n'O Sebo Cultural.

5.1 Eis que surge uma ideia ligada a uma paixão, os livros: conhecendo o idealizador d'O Sebo Cultural.

Heriberto Coelho de Almeida é natural da cidade de Esperança, localizada no Brejo paraibano, onde residiu apenas até os dois anos de idade, quando os seus pais mudaram-se para a cidade de João Pessoa. De acordo com uma coluna exclusiva de Zé Euflázio para A União, ainda enquanto menino, Heriberto gostava e ocupava-se do prazer de frequentar os sebos que existiam pelas ruas da cidade.

Ao fazer o vestibular, foi aprovado no curso de Engenharia Civil da Universidade Estadual da Paraíba e, nesse período, iniciou sua militância em defesa da cultura. Tendo concluído o curso, e já estando formado, Heriberto Coelho atuou em sua área profissional por apenas cinco anos – 1983 á 1988, mas ainda enquanto engenheiro no ano de 1986 ele comprou o Sebo de João de Deus, que pertencia a um senhor anarquista que vendia livros em João Pessoa, o qual já tinha o costume de frequentar a bastante tempo. Pouco tempo depois da aquisição do Sebo de João de Deus, o então engenheiro, abandona a Engenharia Civil – 1988 – e se envolve com o que sempre lhe chamou atenção, os livros.

Heriberto passou a comprar e vender livros no pequeno Sebo na Cidade Baixa de João Pessoa, já intitulado de O Sebo Cultural, na parte antiga da cidade,

em um prédio alugado, localizado próximo a Rua da Areia, e por ali permaneceu durante dois anos – 1986 á 1988 - e só saiu do antigo endereço quando alugou um espaço maior, já pensando em alguns movimentos culturais, instalando O Sebo Cultural, na Rua Treze de Maio, 80, no centro de João Pessoa.

5.2 Uma mudança do bem: a instalação d'O Sebo Cultural à Rua Treze de Maio

O Sebo Cultural já instalado na Rua Treze de Maio, 80, no centro de João Pessoa e tendo como seu dirigente o Sr. Heriberto Coelho de Almeida, que recebeu o título de cidadão pessoense em 21/09/1992, por se destacar com seus eventos culturais e seu apoio a outros eventos da mesma classe, foi e permanece sendo um riquíssimo centro de incentivo à cultura e arte na Paraíba.

Quando se instalou em seu novo endereço, O Sebo deu continuidade a seus trabalhos cotidianos de comprar e vender livros, mas ainda foi muito além passando a contribuir com lançamentos de livros, organização de eventos culturais, ser participante ou coparticipante de eventos que seguiam a mesma linha, também colaborando com shows, peças teatrais e outros eventos aonde era convidado a dar sua contribuição cultural. Além das atividades cotidianas de vender e comprar livros, e contribuir com o desenvolver da cultura popular, O Sebo Cultural também passou a vender, por um curto espaço de tempo, roupas usadas (brechó), trazendo para cidade um novo comércio apoiando-se na idéia de que assim como as pessoas adquiriam livros novos e usados de baixo custo, poderiam aproveitar e adquirir roupas muitas vezes de marcas bem conceituadas também por baixo custo.

Em outras palavras, de um modo ou de outro O Sebo Cultural sempre contribuiu com o processo de ascensão cultural e com o desenvolvimento político e socioeconômico da terra graças ao idealismo de Heriberto Coelho de Almeida. O Sebo Cultural permaneceu na Avenida Treze de Maio como um ativo centro

cultural durante 15 anos quando Heriberto pensou em novos planos para a referida instituição.

5.3 Fincando raízes: o novo e atual prédio d'O Sebo Cultural, um NOVO SEBO.

Devido à grande demanda de eventos culturais realizados pelo Sebo e o pouco espaço para acomodar os livros e as atividades ligadas à cultura, foi inaugurada de 22 à 24 de setembro de 2004 a nova sede d'O Sebo Cultural, localizada à Avenida Tabajaras, nº 848, também no bairro do centro na cidade de João Pessoa- PB, com um grande diferencial das suas antigas localidades, um prédio próprio.

Em suas novas instalações, O Sebo pode expandir ainda mais os seus eventos e atividades onde segundo uma coluna escrita na revista quadrimestral do UNIPÊ v.8 n.3 de 2004, as novas instalações eram dotadas de auditório para palestras e conferências, salas de leitura, vídeo e cinema, estantes especializadas em autores paraibanos, nacionais e estrangeiros, além de equipamentos computadorizados, assegurando condições para atividades culturais dos mais diversos tipos.

A nova instalação d'O Sebo também passou a contar com um espaço para lançamentos de livros e shows culturais, sendo que hoje os livros já tomam quase todo o espaço e O Sebo já passa por reformas com o intuito de aumentar o espaço para os livros e arquitetar um novo e mais amplo espaço para lançamentos de livros, palestras, shows, debates dentre outros eventos que necessitem desse novo espaço.

Uma das finalidades do “novo Sebo”, de acordo com as memórias da instituição, disponíveis no endereço eletrônico www.osebocultural.com, era atrair, de alguma forma, os estudantes de nível médio e de diversas áreas de nível

superior não apenas como compradores, sobretudo, como usuários de seu acervo.

Essa instituição cultural tem como destaque em sua trajetória a organização da revista Bazar, que era uma forma de autoridade cultural, um modo de ascender o movimento cultural, não apenas na cidade, mas dependendo do interesse de cada um, também no Estado. De acordo com as memórias existentes no acervo da instituição, em sua vida cultural, O Sebo possui participação em festivais como o MPB SESC, Festival de Artes de Areia e em muitos projetos alternativos, como o das Sacolas Poéticas, das Feiras de Livros, das coletâneas músicas e poéticas, das Caravanas Populares de Cultura, Cursos de Formação de Agentes Culturais, Viva o Verde, Projeto Mostre o seu talento, Galeria de escritores, Festa anual da Poesia, Concurso Outros Olhares dentre outros projetos.

Em visitas ao Sebo e conversas com o seu dirigente Heriberto, é possível perceber o quanto é característico d'O Sebo apoiar, ser patrocinador e promotor de manifestações culturais e artísticas, além de ser bastante perceptível o seu interesse em contribuir com a elaboração e execução de projetos culturais alternativos e a esse interesse também se dá o seu conhecimento no Exterior através de autores internacionais que lançaram os seus livros entre as paredes do Sebo.

O reconhecimento público da instituição também foi possível através de diversos votos de aplausos da Assembleia Legislativa da Paraíba, da Câmara dos Vereadores da cidade de João Pessoa e do Governo do Estado quando concedeu ao Sebo o Selo de Responsabilidade Cultural do Conselho Estadual de Cultura, valendo salientar que O Sebo Cultural é a única instituição cultural na Paraíba que possui este selo.

Ainda hoje, O Sebo Cultural tem como objetivo divulgar não apenas as ações culturais nas quais está envolvido, como também todas as ações que expressam a arte e o saber. De acordo com informações contidas no site da instituição, O Sebo Cultural está levantando a memória das suas realizações,

inclusive com resumo biográfico/bibliográfico de personalidades que fizeram a história do livro na Paraíba a fim de difundir essa informação.

O Sebo Cultural também possui um site e-commerce para compra de livros e está diretamente ligado a sites que agregam acervos de sebos também para vendas online, facilitando, assim, a venda dos livros até mesmo para o exterior com aquisição totalmente online e com valores característicos d'O Sebo, também é possível encontrar um endereço eletrônico onde torna-se acessível ao usuário conhecer as ações d'O Sebo, os eventos realizados pelo mesmo ou com colaboração ou com participação além da possibilidade de ter acesso às memórias da instituição através do ícone "memórias" onde é possível fazer uma viagem na história e contribuição cultural d'O Sebo para nossa terra, o site www.osebocultural.com.br.

Em setembro de 2014, O Sebo Cultural completará 38 anos de pura informação, cultura e memória e, de acordo com Heriberto, tanto tem cumprido com as expectativas de sua criação como também com o passar dos anos vêm superando-as.

6 EXPOGRAFIA: UMA POSSÍVEL VERTENTE DE DIFUSÃO PARA O SEBO CULTURAL

Este capítulo visa expor a caracterização da proposta expográfica e é composto por dois subcapítulos, que explanam o motivo de caracterizar uma proposta de difusão para O Sebo Cultural, além de apresentar como surgiu o tema, o título, o design, como se deu a escolha de materiais para a atividade de difusão e de que forma foi possível chegar a idéia da proposta de expografia.

6.1 O motivo de caracterizar uma proposta de Difusão para O Sebo Cultural

Como é possível perceber no capítulo supra, o Sebo Cultural é uma instituição que, mesmo sendo propagador de ações culturais e da difusão de seu acervo e suas memórias, através de seus sites, www.osebocultural.com e o www.osebocultural.com.br, ainda necessita de uma nova vertente de Difusão para disseminar a importância de seu acervo para a sociedade e a sua riqueza cultural.

Estando em contato com esta situação, a presente pesquisa caracterizou um plano de expografia para instituição partindo da afirmação de Nunes (2012, p.30) de que, “a expografia, além de sua importância como fonte histórico cultural de um passado exposto no presente, suscita uma comunicação entre o conteúdo apresentado e o observador [...]”.

Essa proposta de difusão não quer dizer que O Sebo Cultural não realizou algum tipo de exposição, entretanto ela parte da informação de que O Sebo não expôs a si mesmo. A expografia é imprescindível ao acervo do Sebo Cultural, pois esta vai abrir para a sociedade e manter a comunicação e efetivação dos serviços que acontecem na prática, expostos no contexto expográfico.

A intenção da proposta expográfica é exatamente através desse passado, impresso nos documentos imagético-fotográficos, exposto no presente, sensibilizar o público quanto à importância cultural do acervo do Sebo para sociedade, como também difundir as ações realizadas pela instituição e sanar quaisquer dúvidas que existam sobre O Sebo Cultural, entrando assim em acordo com o que sugere Stradiotto (2005) quando diz que o objetivo das ações socioculturais “é fazer a ligação da exposição com as pessoas que visitam, através de uma comunicação, que fornece informações adicionais, incita questionamentos e sanar dúvidas”.

A caracterização dessa proposta expográfica visou também à ampliação do trabalho arquivístico que, a partir dessa perspectiva, foge da linha de que o profissional arquivista e seu trabalho arquivístico giram em torno das fases iniciais da gestão e recuperação da informação e abre uma “nova” vertente: o arquivista como difusor da informação.

6.2 Caracterizando a proposta expográfica para O Sebo Cultural

Indo de acordo com as informações ofertadas nos capítulos já expostos, a difusão geralmente é levada em segundo plano nos arquivos, contudo isso não diminui em nada o seu grau de importância, a difusão cultural deve ser realizada, pois, dessa forma, cumprirá com o seu objetivo final que é levar a informação ao usuário acerca do arquivo, da instituição, de sua história e seus serviços.

Ao observar que O Sebo Cultural possui uma grande relevância cultural e preocupa-se com a guarda de seus documentos não apenas imagéticos como também textuais, possuindo também uma diversidade de serviços abertos ao público como lançamento de livros, financiamento de 15% por cento na publicação de livros, espaço aberto para debates, ações culturais, educativas, entre outros, e que ainda assim não havia desenvolvido uma atividade de difusão ligada diretamente ao acervo da instituição, surgiu a ideia de realizar uma

exposição com fotografias que faziam relação a esses serviços e teriam ligação com o seu acervo, mas com o desenvolver da pesquisa foi possível perceber que apenas uma exposição não acomodaria a difusão do acervo e de todos esses serviços oferecidos pelo Sebo Cultural.

Seria apenas uma mostra temporária de fotografias que atestavam a existência do acervo e ilustravam os serviços realizados pelo Sebo, então foi lançada a proposta de em uma expografia que, como já citado no capítulo anterior, além de expor o passado no presente traz consigo informações adicionais sobre a instituição e, desse modo, esse meio de difusão cultural abarcaria todas as informações precisas sobre o acervo d'O Sebo Cultural e os serviços oferecidos pelo mesmo, sendo esses serviços ilustrados através das fotografias que proporcionariam a expografia.

Então, com o intuito de ir ainda mais além, esta pesquisa apoiou-se na idéia de uma expografia itinerante que aconteceria em escolas, universidades, e instituições ligadas à cultura, levando sempre em consideração de que essa ação de difusão “é um evento temporário e, ao mesmo tempo, fornece subsídios para a identificação de estratégias discursivas atribuídas a uma instituição” (MARTINEZ, 2007, P.13).

Inicialmente, pensou-se em um tema que fizesse relação ao O Sebo Cultural e suas fotografias, então surgiu o tema “Eventos Realizados pelo Sebo, no Sebo e com participação do Sebo”, que podiam ser traduzidos e ilustrados através das fotografias que, como já foi colocado, atestam a existência do acervo além de serem motivo de orgulho para Heriberto Coelho, o idealizador do Sebo Cultural, ou seja, além de ilustrarem, de forma dinâmica, os serviços oferecidos pelo Sebo, certificam as ações culturais realizadas pela instituição, pois

[...] de tal modo, compreendemos que as atividades culturais podem servir como um apoio à informação e à comunicação, mas também pode ser uma ferramenta de marketing, que proporciona ao arquivo um prestígio e uma ampla visibilidade. O retorno desse investimento é a aceitação do público e o retorno ao arquivo, o que podemos chamar de pós-difusão. (GALDINO, 2012, P.57)

Essa proposta expográfica se deu através de uma pesquisa documental que identificou as fotografias consideradas pela pesquisa mais relevantes ao tema e facilitadoras da elaboração de um contexto expográfico com objetivo de difundir a existência do acervo d'O Sebo Cultural e abrir novos caminhos para pesquisas na área arquivística com relação à difusão cultural em arquivos.

Após a escolha do tema, pensou-se em um local para o lançamento da proposta expográfica e, sem muito esforço, optou-se pela Ação Educativa realizada pelo curso de Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba – Campus V, pois além de contribuir com a Universidade e com o evento organizado pelo já citado curso, essa proposta expográfica estreitaria laços entre O Sebo Cultural e o curso de Arquivologia, da já referida universidade, que está diretamente ligado à cultura e memória.

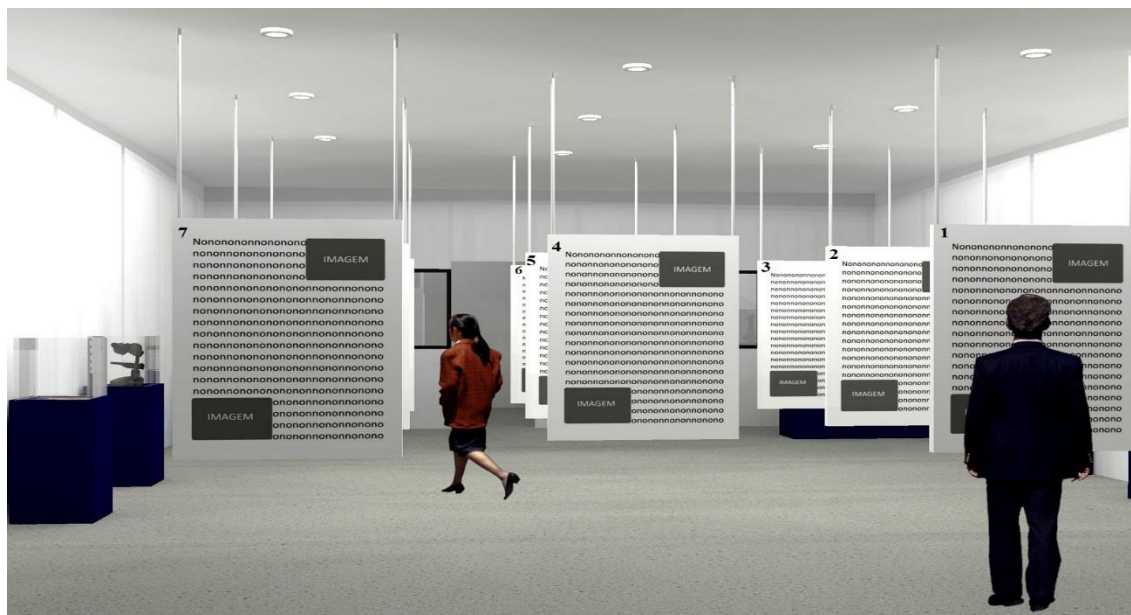
Tendo definido o local, pensou-se nos materiais que seriam utilizados para implantação da proposta expográfica e optou-se pelo uso de *banners* que possuem baixo custo, fácil limpeza e acondicionamento posterior, além de fácil manuseio e transporte, tendo em vista que por se tratar de uma expografia itinerante será preciso transportá-los de um local para outro, também será feito o uso de folders que constaram a logomarca d'O Sebo Cultural na capa e nas demais páginas uma curta sinopse da história d'O Sebo Cultural, os serviços ofertados pelo mesmo e algumas fotografias que constatem esses serviços, esses *folders* serão distribuídos aos visitantes da exposição e aos participantes da Ação Educativa.

Na caracterização da proposta expográfica, também se levou em consideração a arquitetura do local de realização da mesma e como montar um *design* que não permita que o público se perca da ordem cronológica dos *banners* expostos, para garantir o modelo de êxito dessa ação cultural que segundo Díaz (2010, apud GALDINO, 2012, p.57) deve “alcançar o público” e “para isso é preciso que haja, interação, personalização, participação e visualização”, baseando-se também em Cossio e Cattani (2010), que afirmam que “o design e a

estética das exposições, devem ser pensados de acordo com o público, que é o interpretador. Desse modo, a exposição não é apenas um conjunto de mostra de peças, mas tem relação com os objetivos de determinado tema”.

Subtendendo que é função e responsabilidade da exposição, agir como mediadora da informação entre o visitante e o objeto exposto, como pode ser observado na figura.1, no anexo abaixo, a proposta expográfica propõe para o design da exposição que os banners sejam colocados em sequencia lógica e que sejam enumerados os painéis onde eles serão expostos para garantir que o visitante não se perca da seqüência do discurso expográfico, podendo fazer uso da luz natural/artificial, pois qualquer que seja a escolha pela luz, posicionando os banners de forma adequada os raios não irão interferir no contraste da informação contida nos *banners*.

Figura 3. Proposta de design para a expografia.



Fonte: http3.bp.blogspot.com/_9dRFAYyLc4S1pl2swKolAAAAAAAAAX8A2Vq7YfR6GQs1600IMAGEM+1+FINAL.jpg

Estando decidido a parte arquitetônica e temática da proposta expográfica, levou-se em consideração a elaboração do que seria colocado nos banners, e como demonstrado na figura acima, decidiu-se por imagens acompanhadas de textos descritivos e informativos, que garanta ao visitante a compreensão do exposto. O plano para a caracterização da proposta expográfica pode ser visto na apêndice desta pesquisa.

6.3 Expondo: as fotografias selecionadas para a proposta da expografia como nova vertente de difusão cultural para O Sebo Cultural.

A partir de um levantamento documental, que foi pertinente para a amostra e caracterização expográfica desta pesquisa, optou-se pela seleção de dez fotografias que fizessem relação ao tema proposto. A escolha por esse número de fotografias deve-se ao motivo de que as mesmas serão ampliadas em banners para a exposição na Ação Cultural do curso de Arquivologia, como já citado anteriormente. Essas fotografias impressas em banners são expostas de acordo com as seguintes categorias: Categoria 1: O Sebo Cultural e seu idealizador; Categoria 2: Debates; Categoria 3: Festivais; Categoria 4: Lançamento de Livros; Categoria 5: Projetos, totalizando em número de cinco categorias.

A seguir, é possível visualizar as fotografias selecionadas, cada uma em sua devida categoria, acompanhadas da justificativa para seleção de cada uma delas.

Categoria 1: O Sebo Cultural e seu idealizador.**Figura 4.** Fachada de O Sebo Cultural.

Fonte: Acervo d'O Sebo Cultural.(1993)

A escolha dessa fotografia deu-se devido à importância de mostrar para o visitante, fotografias que demonstrassem o antes e depois d'O Sebo Cultural.

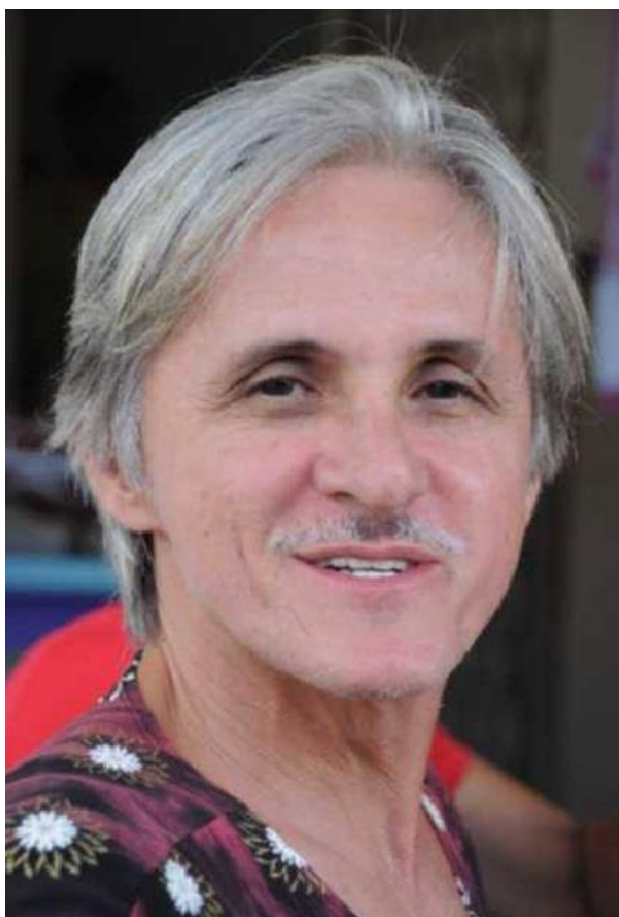
Figura 5. Fachada d'O Sebo Cultural.



Fonte: Acervo d'O Sebo Cultural (2014).

A escolha dessa fotografia se deu não apenas para fundamentar a justificativa da fotografia anterior, mas principalmente para apresentar ao visitante O Sebo Cultural de hoje.

Figura 6. Heriberto Coelho: idealizador d'O Sebo Cultural



Fonte: Perfil do Facebook (2014).

A seleção desta justifica-se pela importância do visitante conhecer o idealizador de uma instituição riquíssima em cultura, memória e conhecimentos gerais.

Categoria 2: Debates

Figura 7. Debate "O papel da imprensa na conjuntura atual", Apoio O Sebo Cultural aos 70 Anos do Jornalista Oduvaldo Batista.



Fonte: Acervo d'O Sebo Cultural (1991).

Essa fotografia expressa a participação e apoio d'O Sebo cultural em um evento ligado a uma pessoa que possui uma grande e importante contribuição para sociedade, o jornalista Oduvaldo Batista, além de ilustrar um dos serviços realizados pelo Sebo em contribuição para sociedade.

Figura 8. Chico Lopes: debate cultural com os artistas. Participação O Sebo Cultural.



Fonte: Acervo O Sebo Cultura.

A fotografia acima foi selecionada devido à participação d'O Sebo Cultural em um evento que contribuiu para a ascensão cultural paraibana.

Categoria 3: Festivais

Figura 9. Participação d'O Sebo Cultural no Festival de Artes de Areia.



Fonte: Acervo d'O Sebo Cultural (1998).

A seleção desta fotografia se deu devido a solicitude d'O Sebo Cultural, interpretada na fotografia, em participar de eventos culturais não apenas na cidade de João Pessoa onde se encontra a sua sede, como também em cidades vizinhas.

Categoria 4: Lançamento de Livros.**Figura 10.** Lançamento do livro Che-Parra.

Fonte: Acervo d'O Sebo Cultural (1992).

A fotografia acima foi selecionada a fim de ilustrar lançamentos de livros publicados por escritores internacionais n'O Sebo Cultural.

Figura 11. Lançamento do livro *Asas*.



Fonte: Acervo d'O Sebo Cultural (2014).

A foto acima foi escolhida por se tratar de um evento realizado no ano atual, atestando assim que O Sebo Cultural ainda realiza este serviço de lançamento de livros.

Categoria 5: Projetos.

Figura 12. Sessão na câmara para a Lei Viva Cultura com o apoio d'O Sebo Cultural.



Fonte: Acervo d'O Sebo Cultural (1993).

Figura 13. Apoio d'O Sebo Cultural para Lei Viva Cultura.



Fonte: Acervo d'O Sebo Cultural (1993).

A seleção das fotografias acima se deu com a finalidade de ilustrar o envolvimento d'O Sebo Cultural á projetos ligados á Cultura.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Indo de acordo com o que expõe esta pesquisa, a Difusão Cultural é uma atividade que visa a união entre arquivo e usuário através das diversas atividades que ela engloba, pois a mesma tem como finalidade a divulgação do arquivo para a sociedade, sendo que ainda assim, por diversas vezes, a atividade de difusão é deixada de lado, entretanto isso não quer dizer que ela seja menos importante que as diversas outras atividades realizadas pelo arquivo. Partindo dessa ligação, arquivo e sociedade, deu-se a escolha do campo empírico desta pesquisa O Sebo Cultural, que possui uma grande relevância cultural, além de estar sempre em contato com a sociedade, através de seus eventos e serviços. Entretanto, mesmo estando associado a esses eventos que envolvem e apoiam a ascensão e evolução da cultura, essa instituição ainda não se preocupou em divulgar a si mesma e a seu arquivo e, desta forma, surgiu a proposta de caracterizar uma atividade de difusão para O Sebo Cultural.

A atual pesquisa fez uma busca entre a documentação d'O Sebo Cultural e apoiou-se no documento iconográfico/fotográfico como base para a atividade de difusão, partindo da hipótese de que os acervos fotográficos das instituições culturais são instrumentos para a elaboração de planos de Difusão Cultural, de fato o acervo fotográfico d'O Sebo Cultural possui fotografias de grande relevância cultural e propiciaram a caracterização da proposta expográfica desta pesquisa, o que validou a hipótese.

Caracterizar uma proposta de Difusão Cultural a partir do acervo fotográfico d'O Sebo Cultural a fim de difundir a relevância cultural que possui a instituição, foi o objetivo geral desta pesquisa, pois como já citado durante o desfecho da mesma, a difusão cultural além de promover o conhecimento sobre a documentação também pode ser considerada como ferramenta de marketing, onde nesse caso difunde a relevância cultural d'O Sebo a partir de fotografias identificadas em seu acervo que ilustram e atestam os serviços realizados pela instituição, serviços esses que são realizados até os dias atuais.

Portanto conclui-se nesta que, ao se preocupar com a difusão ativa do arquivo e com a elaboração do plano de difusão cultural, o arquivista deve apoiar-se no melhor seguimento de difusão, seja ele, editorial, cultural ou educativo, podendo ainda levar em consideração os três seguimentos, o que vai depender tanto da cultura organizacional da instituição como da necessidade do arquivo e dos recursos dispostos para o arquivista na tomada de decisão.

Torna-se necessário ainda que o arquivista também esteja atento na seleção do melhor material disponível para a atividade de difusão, que deve ser bem pensado e analisado antes e durante o plano para a tomada de decisão afim de que no geral a atividade de difusão seja capaz de cumprir com a disseminação da informação e da instituição curadora de tal informação, para que dessa forma o arquivo passe a possuir um verdadeiro fluxo de informação, através de usuários ativos e potenciais.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nisa Ávila do Couto Alves. **Investigação por inquérito**. Universidade do Açores: Ponta Delegada, 2006 p. 108. Disponível em:

<http://www.amendes.uac.pt/monograf/tra06investglnq.pdf>. Acesso em: 03 de . de 2013

ARQUIVO NACIONAL (BRASIL). **Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. 4. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 2006.

BLAYA PEREZ, Carlos. **Difusão dos arquivos fotográficos**. In: Caderno de Arquivologia, Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Departamento de Documentação, Curso de Arquivologia. N.2. Santa Maria: UFSM, 2005. p.07-22.

CABRAL, Rosimere Mendes. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 35-44, jan./jun. 2012

CALDERON, Wilmara Rodrigues et al. O processo de gestão documental e da informação arquivística no ambiente universitário. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 3, set./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v33n3/a11v33n3.pdf> >.

CELESTINO, Tayara Barreto de Souza. **A narrativa museológica da casa de cultura João Ribeiro**. Maringá: II Congresso Internacional de Museologia, 2012.

COSTA, Carina Martins. Expor, Reter, Transformar e/ou Projetar: Temporalidades em cena nos museus contemporâneos. **Cad. Cedes**, Campinas, v.30, n.82, p. 415-420, set-dez. 2010.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção do conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 1994.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**. São Paulo: Hucitec, 1985.

GALDINO, Suellen Barbosa. **Foto memória: difusão cultural do arquivo fotográfico do Jornal Correio da Paraíba na web**. 2012. 96f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, Curso de Arquivologia, João Pessoa- Paraíba, 2012.

<http://www.fotoreal.com.br/fotografia/historia-da-fotografia>

<http://www.osebocultural.com/memoria-destaque.html>

KOSSOY, Boris. O relógio de Hiroshima: reflexões sobre os diálogos e silêncios das imagens. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.25, n.49, jun, 2005.

LACERDA, Aline Lopes de. A fotografia nos arquivos: produção e sentido de documentos visuais. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.19, n.1, p.283-302, jan-mar, 2012.

MARTINEZ, Elisa de Souza. **Curadoria e expografia em abordagem semiótica**. Florianópolis: 16º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas Dinâmicas Epistemológicas em Artes Visuais, p. 13-21. 2007.

MELLO, Janaina Cardoso de. SILVA, Estefanni Patrícia Santos. Museo del Holocausto: estudo de uma expografia crítica dos reflexos do regime nazista em Buenos Aires. **Confluenze. Revista di Studi Iberoamericani**, v.4, n.2, p. 171-191, dec. 2012. Disponível em: <<http://confluenze.unibo.it/article/view/3446/2806>>. Acesso em: 03 mar. 2014.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

NUNES, Flávia Barros Fernandes. **Difusão cultural no Arquivo Afonso Pereira: o Teatro do Estudando da Paraíba e sua construção expográfica**. 2012. 42f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, Curso de Arquivologia, João Pessoa- Paraíba, 2012.

PORTELLA, Viviane Portella de. **Difusão virtual do patrimônio documental do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul**. 2012. 127p. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural, Rio Grande do Sul, 2012.

PRIMO, Judite. Museologia e Design na Construção de Objetos Comunicantes. **Caledoscópio – Revista de Comunicação e Cultura**, América do Norte, jul. 2011. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/caledoscopio/article/view/2290/1799>>. Acesso em 03 mar. 2014.

REGINATO, Juliano da Cunha. **A produção fotográfica da exposição do Centenário Farroupilha: visualidades de um evento**. 2010. 259p. Dissertação (mestrado) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP. 2010.

RICHARDSON, Roberto Jarry. et al. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

RODRIGUES, R. M. **Pesquisa acadêmica: Como facilitar o processo de preparação de suas etapas**. São Paulo: Atlas, 2007.

ROUSSEAU, Jean-Yves. COUTURE, Carol. **Os fundamentos da disciplina arquivística**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990.

SABINO, Paulo Roberto. Arquitetura e Expografia: um estudo de suas relações em museus e instituições culturais. **Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo**, 2011.2, p. 195-219. 2011. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/dhtm/seer/index.php/cpgau>>. Acesso em: 05 mar. 2014.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SANTOS, Thais Helen do Nascimento. **Informação e etnia: difusão cultural e ações educativas sobre a cultura africana no Arquivo Histórico da Paraíba**. 2010. 113f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, Curso de Arquivologia, João Pessoa- Paraíba, 2010.

STRADIOTTO, Tariana Maici Souza. O que é museologia? Portal Movimento das Artes. Coluna especial: ontem no hoje. Disponível em <<http://www.movimentodasartes.com.br/tariana/pop/050315a.htm>>. Acesso em: 22 mai. 2014.

TRIVINÕS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução á pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. 1 ed. 15. Reimpr. São Paulo: Atlas, 2007.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. In: FARIA FILHO, L. M. de (Org). **Arquivos, fontes e novas tecnologias:** questões para a história da educação. Campinas: Autores Associados, 2000.

APÊNDICE A

CARACTERIZAÇÃO DA PROPOSTA DE DIFUSÃO CULTURAL A PARTIR DO ACERVO FOTOGRAFICO D'O SEBO CULTURAL.



Atividade de desenvolvimento de trabalho de conclusão de curso

PLANO DE DIFUSÃO CULTURAL: EXPOGRAFIA.

TEMA: “A participação d’O Sebo Cultural na ascensão da cultura paraibana”

TIPO DE EXPOGRAFIA: exposição itinerante

LOCAL PARA LANÇAMENTO DA PROPOSTA EXPOGRAFICA: Ação Educativa promovida pelo curso de Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba – Campus V.

- a) as exposições aconteceram de acordo com a disponibilidade de algum representante da instituição curadora;
- b) além da Universidade Estadual da Paraíba – Campus V, outras instituições de Ensino Superior, de Ensino Fundamental e instituições ligadas a cultura serão contempladas com a exposição, mas, esta só acontecerá se a cultura organizacional das instituições permitir a realização desse tipo de atividade.

MATERIAIS UTILIZADOS PARA O CUMPRIMENTO DA PROPOSTA EXPOGRAFICA: Banners 0x0 e folders informativos.

OBJETIVO: Difundir o acervo d'O Sebo Cultural a fim de instigar linhas de pesquisa, visitas técnicas escolares e propagar os serviços oferecidos pela instituição.

Levando em consideração que “o modelo de êxito de uma ação cultural é aquela que consegue alcançar o público” e que “para isso é preciso que haja, interação, personalização, participação e visualização”.(GALDINO, 2012, P.57), a proposta expográfica optou pelo uso de banners que possuem baixo custo, fácil limpeza e acondicionamento posterior, garantem o que propõe Galdino (2012), além de possuir fácil manuseio e transporte, tendo em vista que por se tratar de uma expografia itinerante será preciso transporta-los de um local para outro

O primeiro banner que é a entrada do roteiro expográfico será composto por uma sinopse d'O Sebo Cultural, acompanhado de duas fotografias da fachada da instituição curadora, sendo uma mais antiga e uma atual, o que leva o visitante a compreender do que se trata a exposição, em seguida o visitante se depara com um banner composto por uma curta biografia do idealizador d'O Sebo Cultural e sua fotografia, a partir daí o visitante irá percorrer o restante do roteiro expográfico, deparando-se com banners compostos por fotografias que traduzem a participação d'O Sebo Cultural na ascensão da cultura paraibana e por textos explicativos sobre cada fotografia apresentada, por último o visitante encontrará um banner que expõem os serviços realizados pelo sebo.

Sabendo que é de grande relevância a presença do curador na exposição, este se fará presente juntamente com um auxiliar/representante d'O Sebo Cultural para que sejam esclarecidas quaisquer dúvidas dos visitantes que surjam durante o roteiro expográfico e para observar se as finalidades do contexto expográfico estão sendo alcançadas.

A proposta expográfica itinerante leva em consideração para a sua realização um total de 10 fotografias do acervo d'O Sebo Cultural, as quais foram fonte de pesquisa escolhidas para essa atividade.

Levando em consideração que a proposta expográfica tem como perspectiva a Difusão d'O Sebo Cultural a partir de seu acervo fotográfico, justifica a expografia possuir características próprias da instituição e dessa forma consegue fazer com que o visitante conheça O Sebo e a sua trajetória, além de evidenciar que essa instituição se trata de um local que valoriza a cultura e instiga o visitante a conhecer o seu acervo, cumprindo dessa forma com o que defende Herrera (1987 apud PORTELLA, 2012, p.26), quando diz que “a razão de ser do serviço de arquivo é a comunicação de seus documentos; pois de nada adianta possuir o acervo bem organizado e conservado se não comunicá-lo a quem lhe é de direito”.